Para todos...

ANNO XIII · NUM. 657
18 · JULHO · 1931 ·
PREÇO : 1000

Grafologia

AVISO

Temos inutilizado inumeras cartas, umas escritas em papel pautado, outras são assinadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assinados em papel liso. O pseudonimo só é permitido para respostas.

HEPHAISTO (Santos) — Espirito de economia, senso artistico, prudencia, sentidos bastante exaltados e, pelo menos no momento de escrever, estava presa de uma preocupação qualquer, tristeza, desanimo, desalento. Amigo das letras, dos estudos classicos, meticuloso, ponderado, com alguma reserva e senso de medida. Maior numero de boas qualidades que de defeitos, a não ser... vaidade.

MISS MELANCOLIA (Rio Grande) — Inconstancia, volubilidade, capricho, entusiasmo, alegria de viver. Alguma inteligencia, porém pouco cultivo. Dificuldade de assimilação por falta de base, de preparo, de ginastica de espirito. Pouco conhecimento de si mesma, loquacidade, alguma pretensão. E', no entanto, graciosa e sabe atrair simpatias.

MLLE X (Rio Grande) (?) — Creio que seu pedido já foi atendido, faltando-me o tempo para dar uma busca na coléção afim de afirmar com modificações no caráter. Um pouco mais de ponderação, de calma e de ordem. O espirito de decisão é ainda o mesmo com resoluções prontas e sutis das quaes não se arrepende, mantendo seus atos.

ANÁTKA (Rio) — Grafia um tanto masculina demonstrando espirito forte, sempre em luta com a "fatalidade" de que diz ser vitima. E' impressionavel e de caráter vario, incompreensivel, exquisito. Sentidos muito exaltados... Amor ao conforto, ao luxo, mesmo. Teimosia ao extremo, querendo que prevaleça sempre sua opinião, mesmo sabendo ser erronea. Caprichos, vaidades, indecisão, ás vezes, outras vezes, impulsiva, rapida.

TRISTÃO DE ISOLDA

MODA E BORDADO

NUMERO DE JULHO A' VENDA

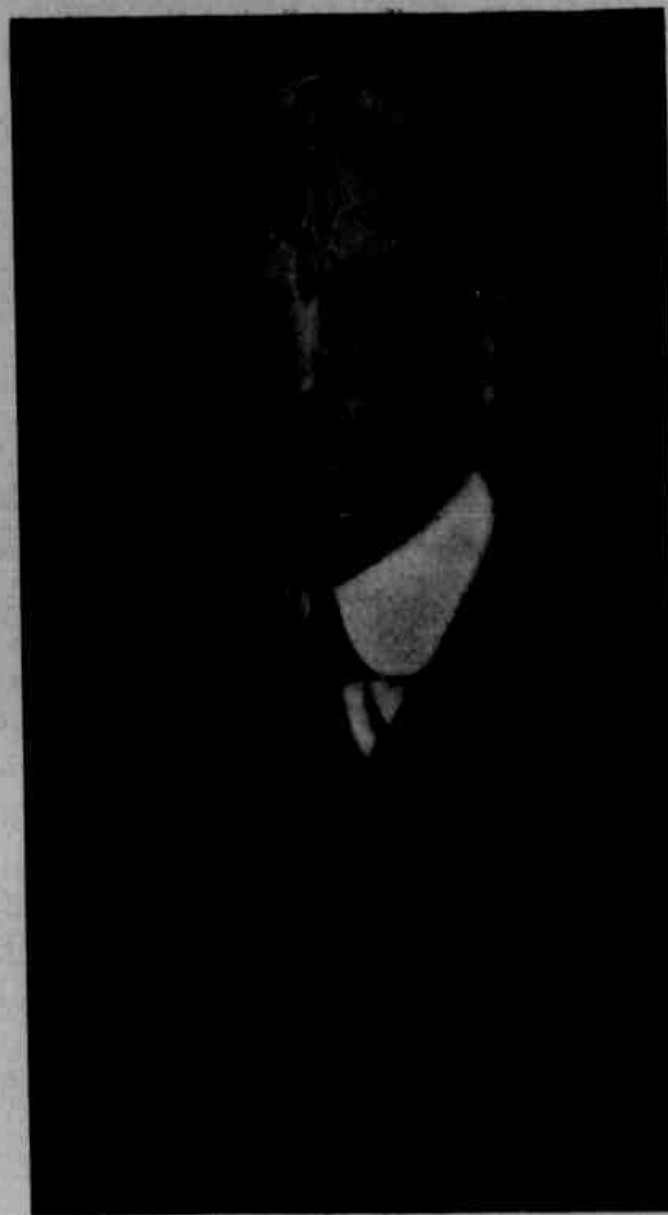
Uma visão retrospetiva da Ford Motor

No outono de 1880 chegava a Detroit um garoto que pretendia empregar-se em qualquer fábrica, onde pudesse ganhar a vida e adquirir conhecimentos. Esse menino era Henry Ford, que passou a ganhar 2.50 dollares semanalmente. Na Companhia Edison êle foi galgando postos e nas horas vagas trabalhava no seu ideal: construir automoveis. Com suas economias comprou quatro rodas de bicicleta e com suas proprias mãos construiu um motor, com dois cilindros e nos eixos e etc., usou canos de gaz. Foi dêle a idéa de localizar a força nas rodas dianteiras, mas verificou que não poderia mover, facilmente, a direção. O "carro" era levissimo, com 5 pés de comprimento, 4 cavalos, 2 velocidades. Uma alta, que dava até 30 quilometros horarios e outra baixa, mais ou menos de 15. Não havia marcha á ré.

Quando Ford julgou a obra completa, a tardias horas levou-o a uma das avenidas de Detroit, deu volta á manivela e êle andou. Esta a origem do primeiro carro Ford, vendido logo por 200 dollares. A aparição de tal veiculo nas ruas de Detroit chamava tanto a atenção que teve que obter do Prefeito uma licença especial.

Em 1901 o construtor poude formar a The Henry Ford Automobile Co. Dissolveu-a, logo, porém. Os acionistas queriam a construção de carros de luxo e Ford batia-se pela construção em grande escala. Organizou outra, logo, com 25.000 dollares, da qual êle era gerente e engenheiro chefe, com 200 dollars mensaes. Em 1903 o capital nominal subiu a 100.000, dos quais realizados 28.000. Nas corridas dêsse ano, o carro Ford apareceu triunfalmente, batendo o **record** da milha, em 1'3 e 3/5.

A Ford Motor tomava impulso e Ford anunciava o automovel das multidões. "Será suficiente para uma familia, porém de tal tamanho e construção que poderá ser manejado por pessoas sem experiencia tecnica. Será leve, para ser economico. Construido com o melhor material pelos melhores operarios e do mais simples desenho que se possa realizar. Seu preço estará ao alcance de todos e permitirá a todos gozar com êle da natureza nos campos, dos logares de recreio e da rapidez de transporte".

Em 1904 a F. M. C. construia os modelos A, C e F, a $1.000 e $1.200 cada e ao fim dêle já vendera 1.708 carros, passando os negocios a mais de $1.200.000, com cêrca de 500.000 de lucros. A seguir vieram os B e C, os primeiros de 4 cilindros. As vendas subiram. Em 1905, porém, a despeito de estarem 3 modelos expostos as entregas foram decepcionantes. Ford pensou em modificar, radicalmente a companhia, comprando ações, para adquirir o **contrôle**. O carpinteiro Malcomson vendeu-lhe a sua parte, que adquirira por $7.000 pela soma de $175.000. Trabalhando já nas condições que imaginava, realizou a sua idéa de construção intensiva e baixo preço, apresentando o modelo T em 1 de Outubro de 1907. Os pedidos foram tantos para esse tipo, que Ford se decidiu a concentrar nêle o seu esforço e em 1909 os negócios haviam subido a mais de $9.000.000 com 10.000 carros vendidos.

Henry Ford

Harry Braunstein

Ford reuniu os acionistas e pediu creditos para poder construir 1.000 carros diarios. Todos pensavam que êle estava brincando, mas êle que já imaginava a "linha de montagem" insistiu. Então êle começou a comprar ações, as quais, valendo 10 anos antes $100 cada, lhe foram vendidas até a $260.000! Ford pediu emprestados para o negocio $70.000.000. Adquirindo o **contrôle** completo, a Ford foi reorganizada com o capital de........ $100.000.000 e em 1923 esse homem extraordinario que tinha já 60 anos, mas cuja energia e capacidade não decresceram nunca, via os negócios ultrapassarem o bilhão de dollars e dirigia 190.000 operarios! Iniciou-se, então, um vasto programa de aquisições de fontes de materias primas e em 1927 cessava a construção do Modelo T, depois de ter fabricado...... 15.000.000 destes carros, começando-se a construção dos A e AA, cujo início de produção custou á Ford Motor mais de 100.000.000 de dollares.

Eis aí um resumo historico da vida preterita dessa formidavel organização. O que ela é, no presente, todos sabem e da sua capacidade e da excelencia da sua produção são testemunho frisante a exposição que ela vem de inaugurar no dia 17, nessa maravilha que é o Assirio, no Municipal, cedido á Ford Motor Company por uma singularissima deferencia do Interventor Bergamini a Harry Braunstein, Gerente Geral da Companhia aqui.

A Ford tem expostos 20 carros, dos 35 que poderia expor. Falta-lhe espaço, tanto que não aparece um só dêsses maravilhosos Lincoln, o carro do grande mundo. E' que Ford, tambem quer mostrar, apenas, o carro que convem á hora presente: o automovel economico. Simultaneamente, a Ford vem fazendo passar, no Pathé Palace, um film maravilhoso, falado, em português, sôbre as suas formidaveis usinas de construção, diariamente, ás 11 horas da manhã, com entrada franca.

A Exposição do Assirio é admiravel de bom gosto, de ordem, de poder de atração, fruto isso tudo da larga experiencia e da visão extraordinaria de Harry Braunstein, inteligencia multiforme e dinamica.

Você veiu de onde, menina loura do bar? De que terra exquisita você trouxe esse corpo alanceado e sem seios, esse olhar geral e indiferente, esse geito de musica que você tem no andar?

Você trouxe esses olhos rasgados da Hungria? E os cabelos louros-queimados, de Seningrado? E essa insexualidade, da Alemanha? E o gôsto de musica, foi de Vienna que você trouxe?

* * *

Déve lhe encomodar o sol da minha terra, não? Você não sente, com o sol de minha terra, nenhuma inquietação, nada, nada, no corpo?

E você não tem medo de se queimar no fogo que esses homens têm nos olhos, não?

* * *

Eu queria, menina do bar, que você fosse mais brasileira um pouquinho. Que tratasse a gente por *você* e, que embora sem interesse algum, perguntasse:

— Então, como vai você, meu amigo? Que ha de novo?

E embóra não houvesse nada de novo eu inventaria umas cousas bem grandes para contar, afim de têl-a a meu lado.

E por que, menina exquisita, em vez dessas classicas musicas insuportaveis, você não põe um disco de samba, na eletróla?

* * *

Você não será norueguêsa, não? Si fôsse eu poderia lhe contar a "lenda maravilhosa da mulher encerrada na torre", de Knut Hamsum. Você não conhece?

"Uma moça estava prisioneira num castelo, a cujo dono amava"...

Ora menina, estão lhe chamando naquela mesa...

* * *

(Você nunca ouvirá minha cantiga sem vóz, heim, menina do bar...)

LOS ANGELES, Junho

CLARA BOW — sereia do film, estrela fascinante, que possue "it", conforme dizem os técnicos em psicologia cinematografica — acaba de noivar, mais uma vez. Aqui a vemos em companhia de Rex Bell, trajada á moda dos vaqueiros do Oéste. Embora tivesse sido ha tempos recolhida a um sanatorio porque se encontra com os nervos abalados (em virtude de uma certa publicidade que se fez em tôrno da sua vida), Miss Bow não perdeu as esperanças de casar, mais uma vez.

PARIS, Junho.

E AINDA dizem que é sexo fraco e etc... Mme. Crabish é uma senhora que tem êsse emprego curioso que muitos homens não aceitariam: é a zeladora da secção de crocodilos do Jardim Zoologico de Paris. Tem a seu cargo nada menos do que 1.000 crocodilos, de todos os tamanhos. Embora exerça o seu cargo ha alguns anos, até agora não foi mordida por nenhum dêles. Notemos que usa umas botas de couro reforçado e especial. Em todo caso, é um emprego bem interessante...

LONDRES, Junho.

A FOTOGRAFIA representa Jennie Lee, jovem figura pertencente á Camara dos Communs, e que é uma das muitas deputadas inglesas. Pertence ao Partido Trabalhista e conta menos de 30 annos.

BRUXELLAS, Junho.

O PROFESSOR PICCARD, que subiu a cêrca de 15.000 metros, estudando, pela primeira vez, a estratosfera (alcançando, assim, a mais elevada altitude conseguida pelo homem), vê-se agora, contente, no seio da sua familia, com sua esposa e quatro dos seus cinco filhos. São êles: Jacques, Denise, Monette e Helena. O quinto, nascido no dia em que o Professor Piccard descia numa geleira alpina, não se vê na fotografia.

Da Terra dos Outros

INTERNATIONAL NEW'S PHOTOS.

Protofonía do vento

A ALCIDES MAYA

Vento que enfuna as vélas brancas das jangadas,
Das jangadas aventureiras da minha terra !
Vento que agita as grandes arvores martirizadas,
Vento que espalha o fumo azul e ondulante da serra;

Vento que deita ao sólo as beneficas sementes
Que amanhã florirão para a fartura alheia !
Vento que segue os gestos ritmados e indolentes
Do velho semeador curvado, quando semeia;

Vento que no alto mastaréu, perto das nuvens sôltas
Desfralda ásperamente o farrapo das bandeiras !
Vento ululante das tempestadas revôltas
Que traz de longe a vóz longinqua e triste das cachoeiras;

Vento que despetála as rosas agonisantes,
Pondo frémitos nos jardins calmos e silenciosos,
Vento que encrespa as aguas claras e ressonantes
Dos rios sonóros e plácidos e milagrosos...

Vento do sul, minuano de clamores e de gritos,
Que em tropél de corcéis, nas paizagens escampas,
Desgrenhando os umbús solitarios e aflitos,
Atira para os céus as areias dos pampas.

Vento do Norte! O' maldição dos rincões brasileiros,
Que em blasfemias cruéis e queixas longas,
Ora arrasta na fúria a cópa dos joazeiros,
Ora aumenta o clarim da vóz das arapongas.

Vento que impéle os braços mecanicos dos moínhos
E as asas brancas e agitadas das pombas forasteiras !
Vento que embala os berços e acalenta os ninhos,
Vento que acende o fogo amortecido das lareiras;

Vento que põe notas festivas e frementes de alegria
Nos sinos da Pascoa e na voz deslumbrada
Dos galos que cantam á gloria primeira do dia !
Vento que chama o sol, vento da madrugada !

Vento que muda em notas repassadas de saudade
As palavras de amor da criatura vencida:
Vento que sópra os balões fugidíos como a felicidade..
Vento que traz a vida !... Vento que leva a vida !...

Olegario Marianno

É SIM. O Nucleo Bernardelli é uma pleiade de artistas. Uma falange de talento e boa vontade. Uma legião de idealistas.

✣ ✣ ✣

Foi fundado, porque na Republica Nova não poderiam os novos continuar onde a antiguidade imperava.

✣ ✣ ✣

Foi fundado, porque os condores de hoje não podem cingir-se á altura do Pão de Assucar, tendo forças para chegar ao Itatiaya.

✣ ✣ ✣

Foi fundado, porque no seculo do "Do-X" não se viaja em tilbury de seculos passados.

✣ ✣ ✣

Foi fundado, porque para a arte não póde haver limite e para a criação o campo deve ser o campo do Infinito. Portanto...

O "Nucleo Bernardelli" trabalhando

NUCLEO BERNARDELLI: UMA PLEIADE DE ARTISTAS

Resolveu-se: *Artigo* 1.° — A organização imediata de uma agremiação de pintura onde os artistas estilisassem de acordo com a sua alma.

Artigo 2.° — Considerando-se os irmãos Bernardelli os maximos expoentes da Arte no Brasil, a agremiação se denominaria "Nucleo Bernardelli".

Artigo 3.° — Sendo uma associação de moços, original, sem finalidade representativa nas artes, cuidando unicamente do aspéto estudioso, promoverá, além das aulas livres de modelo vivo em estudos, tambem aos domingos, as mesmas aulas em campos, á plena luz da natureza.

Artigo Principal — A mensalidade para cada artista associado será "penasmente" de cinco mil réis.

✣ ✣ ✣

O leitor recorda-se da "Exposição dos Cinco"? Pois a Edson Motta, um dos seus componentes, em primeiro logar, e a todos os outros, muito deve o Nucleo. A Silva Araujo e á sua completa devoção á causa, outro tanto.

✣ ✣ ✣

Mas ao Nicolas, pela sua infinita proteção aos novos, se deve mais ainda. Algumas vezes mais.

✣ ✣ ✣

Estranhou, ha dias, alguem (um fossil...) em conversa comigo, esse "brouhaha" nas artes (virou sorvete o classicismo?)

✣ ✣ ✣

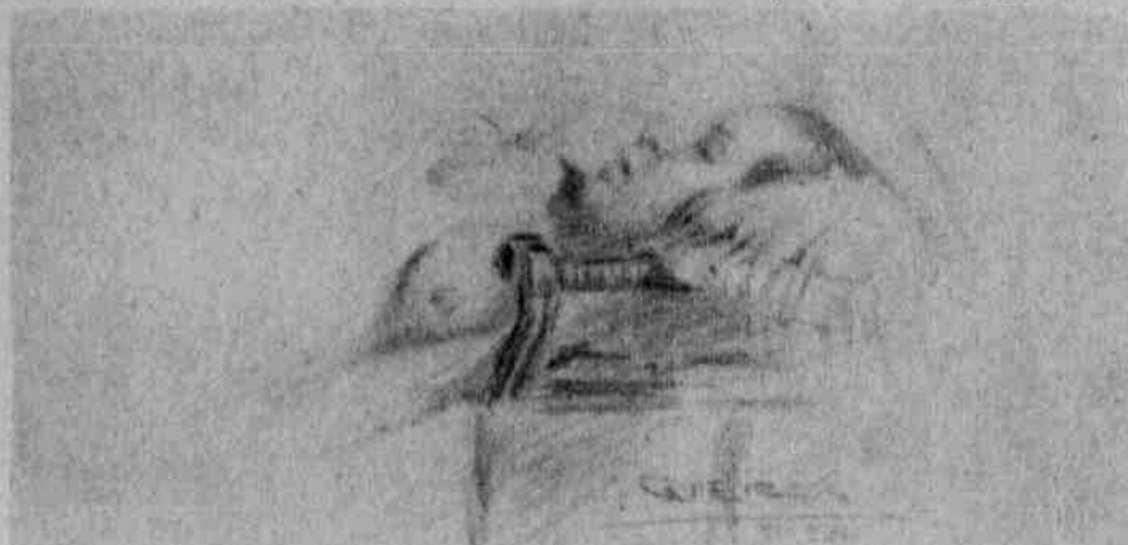
Responde por mim um cearense: Aderbal de Paula Sales.

"O artista exprime a beleza que cria e não a beleza que vê".

"A beleza em arte é a emoção. E a forma é a emoção na arte. Ser real é ser vulgar".

E num "dirçcto": *"Criar é antecipar"*.

✣ ✣ ✣

Quando visitei o Nucleo Bernardelli ali no Studio do Nicolas, onde provisoriamente se acha, creiam que me entusiasmei. Pelo que vi de moço. Pelo que vi de belo. Pelo que vi de arte.

Chovia que não era brinquedo nessa noite! E o frio que fazia era tal que dos sessenta artistas que diariamente ahi vão estudar, sómente uns quinze chegaram...

Assim mesmo o fotografo gravou na gelatina uma impressão.

✣ ✣ ✣

O modelo é Leila Nixon. Disse-nos:

"Quando, numa reunião de sonhadores do Belo, fui distinguido para "auxiliar de inspiração" de uma sociedade que seria fundada com o unico objétivo de incentivar o amor ás tintas e ao pincel, e a facilidade de serem criadas "cousas novas" com base e convicção, uma especie de orgulho ferveu o meu sangue de brasileiro e idealista tambem".

✣ ✣ ✣

O Nucleo Bernardelli é uma Casa de Arte. E uma realidade.

TIGIPIÓ SOARES

No Jockey Club

Durante as carreiras de domingo passado.

O S V A L D O

no dia em que fez sete meses. E' o primeiro filho do casal Ligia-Moisés Velinho. Nasceu em Porto Alegre.

Teatro da criança

Pierre Michaïlowsky e Véra Grabinska, dois artistas que a Russia nos deu, vivem no Rio dentro de um sonho bom: dar á gente nova da terra carioca corpos harmoniosos e espiritos claros. As lições que êles ensinam nas sociedades esportivas, nos colegios, nos lares, são lições de beleza e de sabedoria. Agora, Véra e Pierre organizaram o Teatro da Criança. A estréa, sabado, no salão do studio Nicolas, foi um sucesso. Em baixo: os dois mestres com a poetisa Cecilia Meireles, os pintores Correia Dias e Fritz, o músico J. Octaviano, Nicolas e quatro discipulas.

Allen

Fand

Jeronima Mesquita

Tagast

Volutine

Berta Lutz

Fialho

Maria Eugenia Celso

Brant

Charpentier

Corbert

Manuel Ditler

Portinho

Weber

Do Segundo Congresso Feminino Internacional

(Desenhos de Luiz Sá)

SEREIAS

O SAMBA ia findar. Todos bocejavam, quando o velho Jóca Fernandes, campeador destemeroso, varejador de catingas, que a sêca exilára do sertão, tomando a viola, *temperou-a*, abancou-se num caixote, recostado á parêde, e, com a voz arrastada e dolente, num vago tom de *jota* aragonesa, cantou:

Tenho minha viola nova,
Feita de páu de colher,
Para eu brincar com ela
Já que não tenho mulher.

Risadas irromperam, estridularam, pela salinha morna, que um candieiro a querozene clareava. Festeiros vieram de fóra, aos magotes, postando-se junto á janela e á porta. E aos primeiros compassos de um baião fogoso e estonteador, zangarreado pelo vaqueiro, Bento Caiçara, o mais rijo pescador daquelas praias, saltou para o meio da casa, e entrou a bater o barro socado, trocando os pés, num sapateado veloz e infatigavel, estalando castanholas. Após, meia duzia de rapazes achegou-se ás raparigas; rompeu uma valsa adulterada e langorosa, e foi então um torvelinho airoso, um requebrar sensual de ancas opulentas, brando revoar das largas saias tufadas, cheiroso a madeira nova e a ervas suaves entre a pulverização de ouro que subia do chão.

— Entra de banda, negrada ! — bradava o tocador. E, por vezes, numa onomatopéa cansada, largava um fio de sons estirados: — Olô,lô, lôôô,lááá... — Calava-se depois, cuspilhando para um lado. E, no silencio da noite estrelada, escorriam docemente, a distancia, os alegres trilados na viola.

Era em Meireles, em casa do João Clemente, para festejarem a primeira novena de S. José. Ao crepusculo, após um estouro de ronqueira, principiára a ladainha cantada, um rosario infindavel de benditos resados ante a imagem do santo, quasi indistinta entre os pendões de trevo, e os tufos rescendentes de resedá e mangericão, sobre o altar erguido contra o muro forrado de jornais litografados, onde um frade obeso e satisfeito, de caneca transbordante em punho, garantia que a melhor cerveja é a Brahma ! Serviram aluá, de seguida; e, com uma pausa mais, começára o samba.

Subito, um galo cacarejou no poleiro um cocorico entrecortado e rebatido. Outros responderam, adiante outros ainda, e todos os mais da redondeza o imitaram.

Caiçara, rorejado de suor grosso, largando a dansa, correu á porta, olhou o céu e gritou:

— Eta, negrada ! Arreia com a sustancia, que é dia ! — Fez uma mesura rasgada: — Eu, cá por mim, já me vou, que tenho de ir ás siobas da risca. — Foi buscar o chapéu e o jucá nodoso, cumprimentou a companhia e saiu.

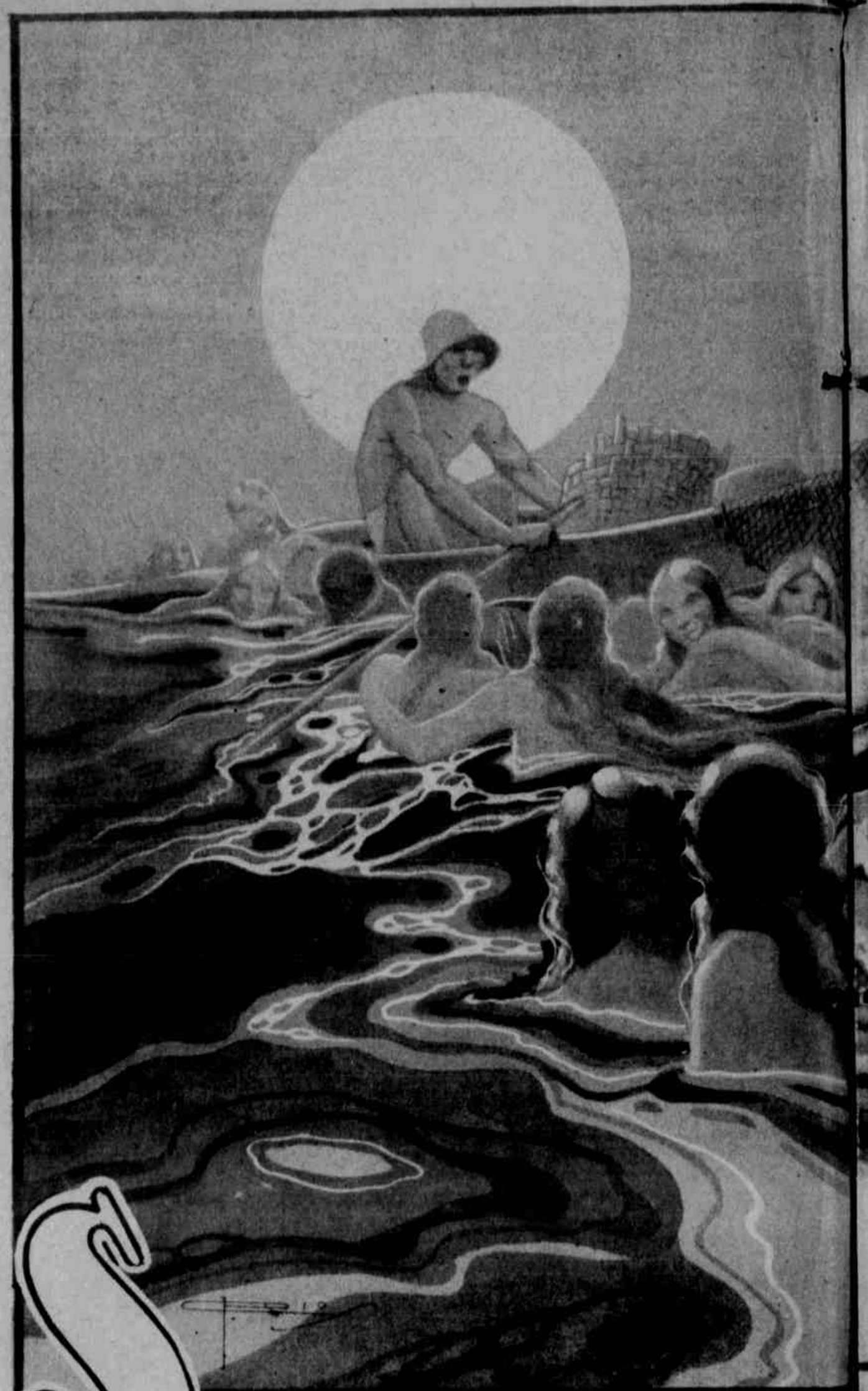
A noite estava de uma beleza calma e doce. A lua descia num halo de ouro e violeta. Cirros filigranados, de uma brancura imaculada e fina, passavam, como um rebanho de ovelhas, pelas alturas religiosas. Um frio suave e picante arripiava a gente. A estrela Papaceia faiscava, numa fulguração em tremulina, tal um diamante, sobre a ramaria enegrecida, cheia de bordaduras, do arvoredo. Caborés zigue-zagueavam, ás tontas, pela estrada quieta, sacudindo a tolhagem prateada e quente das moitas de mofumbo e guabiraba. De uma choça adormecida e silente, á beira do caminho, partia uma fita de luz dourada, esmaecida, pelas taliscas da palha. Longe, na acalmia, ramalhava o farto plumacho dos coqueiros, e se espraiava, numa dormencia de acalanto, o solene marulho de aguas a rolarem. Uma raposa rastejava, cosida ao mato, muito cautelosa. Caiçara ergueu o braço, num brado:

— Eh ! bicho semvergonha ! — A's gargalhadas, torceu á direita, abalou por uma vereda em declive, entrou em casa. Estirou-se a fio comprido na rêde, em breve adormeceu.

Despertou, a cabana cheia de luz; e, nas moitas de pinhão bravo que a cercavam, galos de campina e canarios chilreavam, espanejando-se á tepidez cariciosa da manhã.

O rapaz ergueu-se, jogou no urú a quimanga, a tapinambaba, a quicé e a cabaça da agua, pô-la a tiracolo, bateu a porta de talos de carnaúba, e endireitou para o mar.

O sol estava alto. O vento brando espalmava o coqueiral. Uma graúna cantava agudo, voejando, as penas de ebano luzentes. Urubús pairavam, remotos, asas dormentes, pontilhando o azul sem nuvens. Ladros de cães, vozes tangendo, berros de touros, vinham de cima, pela calada do ar. E a ponta do farol, meio esfumada e vaga, na nevoa argentes do mar contra o sol, semelhava a cabeça achatada de uma ictiosaurio fatigado — o corpo rolado em terra, o pescoço caido na agua, vigilando.

Contornando os cercados maritimos, o jangadeiro beirava as leiras ricas e fartas de batatas e gerimuns, joeiradas de flôres roxas e amarelas, iguais a campanas de ametista e de ouro. E extensos capinzais, florando, ondulavam, unidos e verdolentes, nas vazantes encharcadas. Por vezes, transpunha poças de agua muito fria, que se alastravam nos baixios desbordantes, onde formigavam barrigudas e carás em cardumes ariscos. A agua muito rasa, que o fulgor do sol varava, do alto, contra o fundo de areia clara, tocava-se de irisações fulverinas, lampejantes, como se êle fosse atravessando um grande topasio liquido. E aruás sonolentos rojavam-se pelas margens gramadas salpintadas de seus ovos escarlates, trepavam ás estacas das cêrcas. Adiante, ao fim de uma trilha serpejante e limpa, recortada no fundo escuro que os cajueirais formavam, alvejava uma casinha de taipa, com largas manchas de adobre ruido na fachada.

Ali morava a noiva do rapaz. Caiçara cortou de corrida, galgou o outeiro, e quedou em frente á rapariga, que fazia renda no terreiro, na frescura umbrosa de um *ciume* em flôr.

Era uma cabocla reforçada e bonita, de amplos quadris e formas abundantes. Tinha um ar ingenuo e bom, muito concentrada no trabalho, os olhos, baixos, pestanudos e negros, sobre os bilros, abrigada por um dossel de pingentes purpureos dos florões pendentes.

O pescador, sorrindo, perguntou pelos de casa.

— "O pai andava pela mata, mais a mãe. Os irmãos brincavam nos *maceiós*".

Um jubilo mal contido encrespou os labios grossos do mulato. Esteve a mirá-la um momento, os olhos relumbrantes; e, afinal, não se contendo mais curvou-se sobre ela, rapidamente, encheu-a de beijos vorazes, pelo pescoço nedio, pelos cabelos de seda, pelas faces jambeas, pelos braços roliços.

A rapariga desvencilhou-se a custo, afastando-o, muito ataranta-

por Herman Lima

da, ofegante; e, alisando as roupas, entrou a censurá-lo: — "Que doido! Se alguem visse!?..."

O rapaz teve um gesto de enfado. — "Que mal fazia? Todo o mundo sabia que êles eram noivos, e que se casariam pelo S. João".

— Pois é — retrucou a cabocla, decidida. — Mas, daqui pra lá tem tempo.

Caiçara abaixou-se com um muchocho brejeiro, apanhou a tapinambaba que rolara esfiada pelo chão. E, plantando-se ante a moça, ficou a contemplá-la, muito terno, cheio de desejos subitos.

— Olhe, Bento, — pediu ela por fim, a voz numa tremura assustada — vá pra pesca.

— Pois vou, meu bem. — Sorriu-lhe ainda, contente, e desceu, a cantarolar uma trova praieira. Calou-se, depois, apressando o passo.

A pouca distancia, estava o bote, a quilha alçada sobre tóros lisos de cajueiro. Crianças corriam, perto, núas, entravam na agua, até os peitos, mergulhavam de papo na onda, estourando cachões de espuma, perseguindo-se, a gritarem.

O pescador colocou o urú sob o banco do governo, arregaçou as calças, despiu a camisa encardida, abriu os braços, espasmando os musculos, cofiou os pêlos dos sovacos, arripiado, ditoso, com volupia, na frescura reinante. Empurrando a embarcação sobre os roletes, alarmou um bando de maçaricos, que debandaram aos pios pela areia molhada, pô-la a nado, em seguida. Voltou á praia, de carreira, arrastando os rólos para o sêco. E, subindo e descendo na onda, fugiu da costa, soltando ao vento estrofes singelas e apaixonadas.

A terra foi-se estreitando aos poucos, numa faixa livida, pontoada pelo negrume de arvores, e apagou-se ao longe. O mar estriava-se todo de palhetas de prata, ao sol. O céu muito limpo, encandecido, ofuscava. E o marujo, cessando de remar, largou o tauaçú, e iniciou a pescaria.

Levou assim até encher o samburá. Então, retirou a pedra da agua, e tomou o remo, novamente. O barco, levado pelo vento de feição, saltou com um arranco, e entrou a singrar as vagazinhas do largo, sereno e presto.

Crepusculava. A reverberação do poente em fogo dourava a agua. Nuvens leves, em esfroladuras longas, passavam ao sul, trepando umas nas outras, confundindo-se, amolgando-se, em massas informes, côr de madrepérola. O mar ia ficando pardacento, aos poucos, zebrado de espumas esgarçadas. Velas fugiam, muito alvas, em face. A lua subia, grande e cheia, como uma bola rara de ouro novo.

O pescador remava sempre, estugado, na ansia de rever a terra.

O vento soprava mais forte, agora, de rijo, a esfuziar. O plenilunio pompeava, escachoando um chuveiro leitoso, que argenteava tudo. O *paquete* continuava a *bolinar*, ferindo as aguas com o dardo negro do costado. E estava assim tudo em modorra, o céu arqueado por cima, como uma taça virada, quando um grugulejo estranho e prolongado, á maneira de um tremolo de violino, perpassou desdobrado pela toalha murmulhante do oceano.

Ouvindo o guiado áspero, o marujo quedou o remo á escuta, com uma pancada no coração, sentindo um calafrio que o tonteou. De golpe, luciolou-lhe na retina alarmada a figura da noiva, uma figura doce e remota, que soluçava, as mãos em cruz contra o peito, sobre uma duna alvadia, alongando um olhar infinito pelo horizonte. E viu-se, depois, em ritornelo, no baile da vespera, em que vibrára, sob o poderio de muita impressão de volupia. Ficou um trecho estarrecido, o sangue refriado, a ciciar uma resa.

E o som cresceu outra vez, em harpejos lentos, e levou um tempo enorme, sem descontinuar. Eram *scherzos* estrangulados, vibrantes, modulações garganteadas em chôro de misticismo doentio e mole, como um canto funereo de igreja catolica; e rugidos após, ferozes, lascivos, tragicos, almas de virgem pranteando, corpos de noivos a se procurarem por entre as algas e os corais.

O bote marchava sempre, carreado pela vaga. E o pescador, que ouvia, estremeceu de subito, crispado, a mirar uma cabeça verde, que o espiava sob o barco, irradiando como uma esmeralda aos raios do luar. Logo, surdiu mais uma, e outra, e mais outra, e por fim caras e espaduas e seios. E uma grinalda de mulheres núas, todas verdes, rompeu a cirandar em torno da embarcação, batendo as pernas em grita, mergulhando e reaparecendo, como uma floração subita e fecunda de pedrarias vivas, entre a ramificação sedosa das suas comas desnastradas. Juntas nadavam, dando-se as mãos, e rebolcavam-se na onda, a se identificarem com ela, salmodiando em surdina. Punham-se de pé, de subino, coxas ligadas, braços abertos, imponderaveis, rondando numa farandula opulenta de estatuas de esmeralda, indo e vindo no ar, passeando contra a luz suas verdes nudezes transparentes. Rolavam, ainda, na vaga, e chegavam, após, soltas, empinadas, o ventre em arco, os seios em riste, a cercarem o marujo, desferindo coplas ditirambicas e ofertando amor. Assim, foi por um tempo infinito.

O pescador tiritava e esfregava os olhos, a ver se sonhava. Mas, se as ondinas subiam e o tocavam com os dedos frios da agua? E êle batia os dentes e orava, com vontade de chorar. E o *paquete* seguia, proejando, com o chape-chape das ondas por baixo, precedido pelos fantasmas filhos do abismo.

Depois, uma das sereias trepou ao barco, e jogou um festão de algas sobre êle. Outra imitou-a. E, em breve, o bote, toucado, singrava as aguas, ridente, como um leito nupcial. E os duendes turbilhonando, despenhavam-se e resurgiam, sobraçando flôres e ramarias da flora exotica do Atlantico, e braços de coral que atufavam o bote.

Bento Caiçara, aterrado, viu que assim ia afundar-se. Saltou, transido, tentando jogar fóra a carga de festões, mas, em vão — mal a pedra roçava o barco, aí ficava apegada, encravada. E, sem que as mulheres cessassem os revoluteios, o marujo sentia que se ia ligando ás taboas, e o corpo se lhe tornava pesado, a ponto de não poder mais movê-lo. E o montão de coral crescia flamejante á lua, mais as ondinas de esmeralda, que, uma a uma, tombavam, a modo de extenuadas, para cima da galharia envolvendo o pescador numa acumulação de rebrilhos, riscando as trevas de luz. E andaram assim, até que os corpos em piramide, entremeados de esgalhamentos de coral, abafaram o marinheiro.

O pobre alçou-se em desvario, bracejou, ofegando, exausto, os membros chumbados, impotentes, os ouvidos zoando, êle todo numa luta surda e titanica, a reagir contra o assombro. Achou-se a sós, num vacuo, um momento, faltou-lhe apoio, caiu de bruços, inciente, trambulhou; e o *paquete*, adernando, com um solavanco rolou-o no mar, empinou-se, o madeiro deserto á lua, e ficou, após, sózinho, negrejando, balouçando sobre a vaga, sem destino

HENRIQUE OSWALD — Desenho de Carlos Oswald.

HENRIQUE OSWALD

DISCURSO PRONUNCIADO NO TUMULO DE HENRIQUE OSWALD, PELO DR. RUBENS MAXIMIANO DE FIGUEIREDO.

Meu grande, querido Mestre; meu inolvidavel amigo,

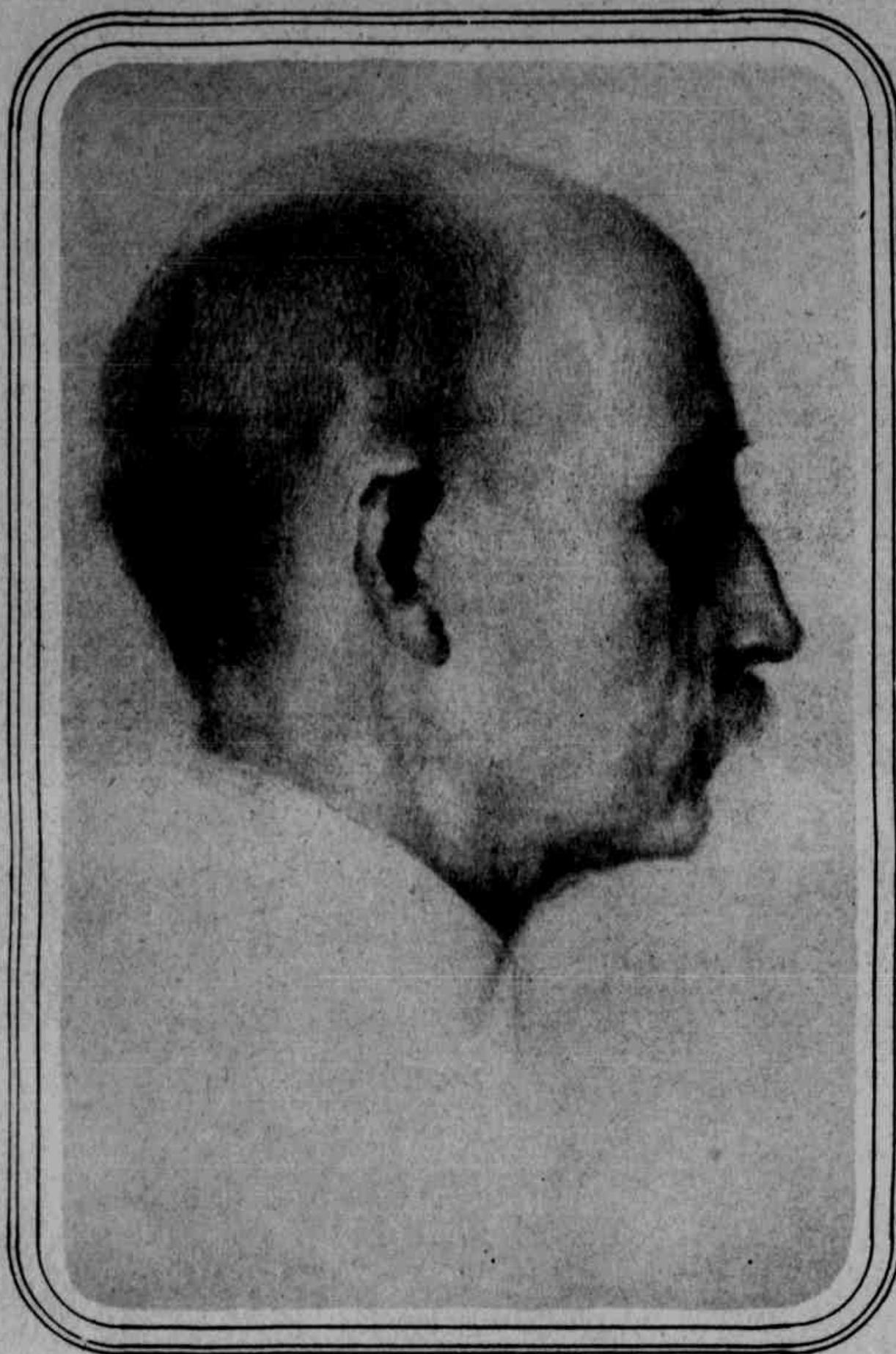
Não posso deixar de dizer-te estas ultimas palavras de adeus e de saudade ante teu corpo inanimado; abro minha alma amargurada, transida de dor, para deixar transparecer todo o sentimento, toda a desolação que experimento, ao ver-te partir, para nunca mais voltares ao nosso convivio!

Quis uma dupla inexoravel fatalidade do destino, que, hoje, neste recinto mortuario, ante este quadro terrivel de desespero e dor, eu viesse depôr sabre teu corpo, estas lagrimas de amargura, quandó, nesta mesma data, em local tão diverso, entre festas, luzes e galardões, em tua presença, eu deveria enaltecer a tua individualidade de escol, estudar a tua obra imorredoura de artista, encerrando o ciclo admiravel, extraordinariamente justo, das homenagens que teus patricios planejaram em honra da maior das organizações musicaes que o Brasil tem possuido!

Mas, traiçoeira, triste, inesperada, a Morte, ceifando em sua céga e indómita voragem vida como a tua, veio interromper o fecho dessas grandes manifestações, deixando-nos órfãos dos teus conselhos e carinhos paternais, atonitos, incertos, sem norte, com tua falta, tú que foste sempre o nosso guia o conjunto de qualidades excelsas, ornadas pelo mais adamantino e espartano caráter que um ente póde possuir na face da terra!

E' verdade, — meu inesquecivel mestre, — que o corpo se consome e desaparece, ante o axioma da materialidade imponderavel!

A alma: — esta é imortal; não desaparece, não se transfigura, não se transforma; e a tua, tesouro inexhaurivel das mais raras e ilibadas virtudes, se foi sempre para nós um aconchego e um santuário, ha de se tornar um exemplo inflexivel, paradigma do belo, da perfeição e do valor, consubstanciação maxima da modéstia cristã, virtude conciente, que em tua personalidade ascendia a incalculavel paroximo! Sim, porque a tua vida sempre foi vivida, em toda a sua gloria, á sombra da modéstia!

Com a organização perfeita de artista com que Deus te abençoou; com esses dotes extraordinarios de homem sentimental e emotivo com que a natureza régiamente sagrou; bom, na acepção mais elevada que esse termo póde encerrar; puro entre os mais puros, — eras sempre. em todos os transes, o carinhoso, o leal, o terno, o meigo, o prestimoso, o humilde amigo, tú, que, entretanto, — bem o sabias — eras para todos nós, o maior padrão de glória; na nossa amizade na nossa admiração, nas nossas realizações e no reconhecimento que por ti nutriamos, por derramares sobre nós, as primicias de tua candida e evangelica amizade!

Eis porque, aqui, de joelhos num mixto de dor e de amargura infinita — nós, teus discipulos, teus amigos, — choramos convulsivamente neste derradeiro momento, a tua desaparição!

\+ + +

Mestre! Não ha consêlo ante a tua perda, que choraremos eternamente; não pode haver substituição do teu inesquecivel convivio; são impotentes quaisquer diques para as nossas lagrimas! Poucos, como eu, que desde os nove anos, se habiou, como teu discipulo, a ser honrado e elevado com o teu bafejo e beneficiado com os teus conselhos; poucos, como eu, que conheceu, sentiu e prescrutou os mais intimos e reconditos refolhos de tua alma previlegiada, verdadeiramente extra-terrena, poucos, com sinceridade e orgulho o afirmo, poderiam, neste doloroso momento, mais amarguradamente, mais doridamente, dizer-te este saudoso, este inenarravel, este supremo adeus!

A tua amizade é inesquecivel; a tua obra, imorredoura; a tua lembrança, um raio de bendita luz, sobre a tréva em que ficamos mergulhados!

\+ + +

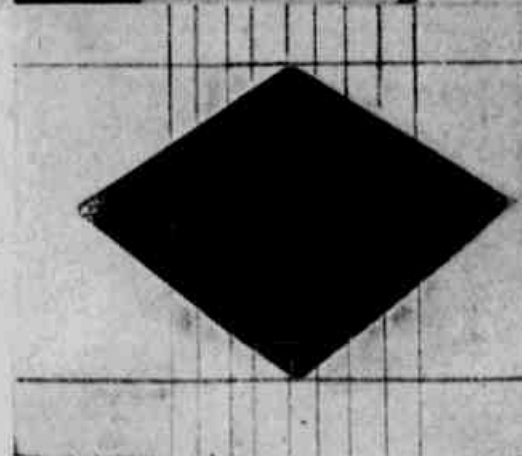
Senhor! Meu Deus! — Recebei em vosso divino reino e conservai aconchegada em vosso abrigo, a alma deste grande artista e homem inegualavel; acolhei-a como a joia melhor de todo o sentimento terreno, que em vossa incomensuravel sabedoria espalhastes; dai-lhe, o sossego e a tranquilidade dos bons; concedei-lhe, afinal, em vosso divino seio, a ventura do acolhimento que só os puros merecem—pois que a alma que agora se vos entrega, era tão bôa sagrada pura, como pura, bôa, sagrada e inconsutil é a vossa tunica, Senhor! ouvi a nossa prece! Guiái-a; seguí-a; protegei-a, Senhor!

Dr. Rubens Maximiano de Figuerêdo

NA EMBAIXADA ARGENTINA

Receção no dia 9 de Julho

NO PALACE HOTEL

As Senhoras Getulio Vargas e Osvaldo Aranha com as Senhoritas que serviram o chá em beneficio das vítimas da catástrofe do Armamento.

Palavras do Padre Coulet

O grande orador que o Rio hospeda foi ver a coleção de crucifixos do nosso colega J. L. de Souza Lima. E escreveu em seguida estas palavras:

Qu'il soit permis à un religieux français de passage au Brésil, d'exprimer à Mr. José Luiz de Souza Lima toute son admiration profonde pour la pensée de foi patriotique et chrétienne qui l'a inspiré et qui l'a soutenu dans les pàtientes et pieuses recherches qui lui ont permis de constituer sa merveilleuse collection.

C'est toute la ferveur et toute l'ardente piété de générations brésiliennes d'autrefois qu'évoquent irrésistiblement ces admirables figurines devant lesquelles montèrent jadis vers le Christ et vers sa mère tant de prières, de supplications et d'actions de grâce. On peut admirer la richesse artistique d'une pareille collection, s'extasier devant la diversité des écoles auxquelles elles appartiennent, or devant la merveilleuse patine d. les siècles ont revêtu ces ivoires jaunis et brunis par le temps. Ce qu'il y a de p. émouvant en elle c'est la patine spirituelle que leur donnent en quelque sorte les invisibles effluves de cette piété naïve et confiante dont ils fûrent si longtemps enveloppés jadis. Petites statuettes rigides ou manierées, douloureux cruficiés dont la compassion des fidèles a changé les gouttes de sang en rubis et les clous infames en diamants étincelants, vous gardez le secret des innombrables, des émouvantes confidences que vous avez reçues, des larmes dont vous avez été arrosées peut-être et des lèvres qui vous ont si souvent baisées. C'est tout le mystère intime et secret d'une humanité croyante et priante dont vous êtes enveloppés qui vous rend à mes yeux si troublants et si précieux!

Rio, 28 Juin 1931.

PAUL COULET S. J.

Dois crucifixos da coleção preciosa do Senhor J. L. de Souza Lima

O Padre Coulet em visita ao Instituto Historico.

Em baixo: D. Sebastião Leme, o Nuncio Apostolico e outras figuras notaveis do clero em torno de Monsenhor Egydio Lary, nas vesperas da sua partida para a Europa.

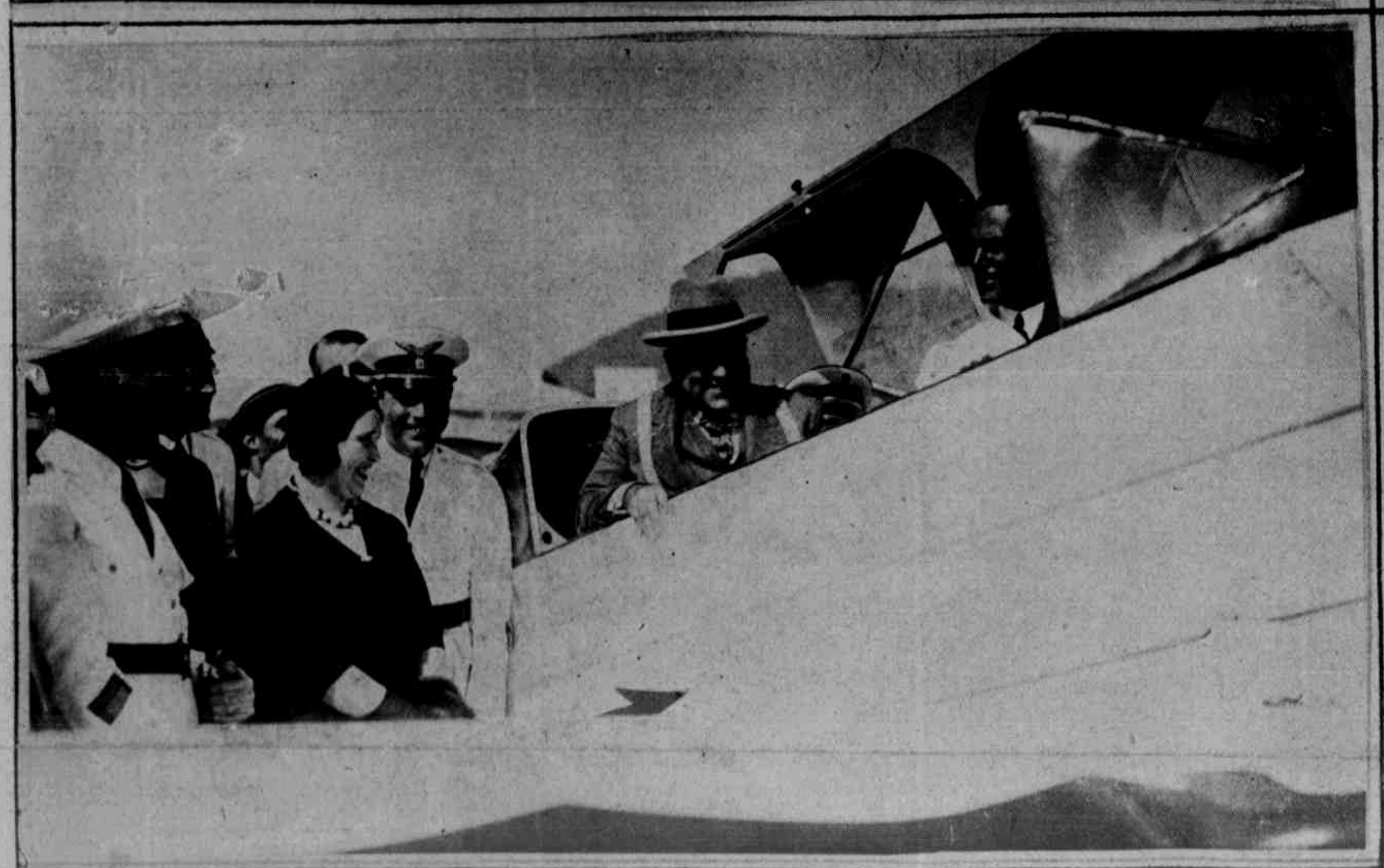
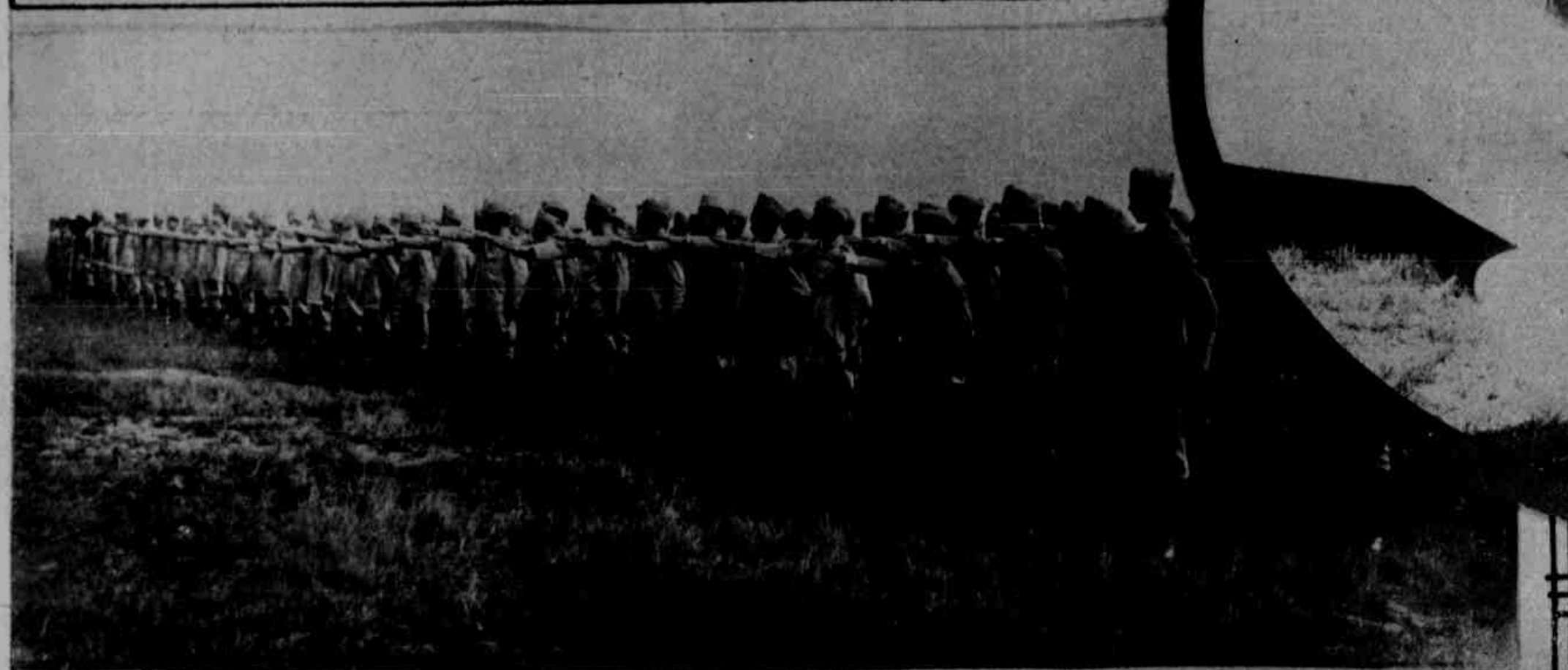
■ ■ ■ ■

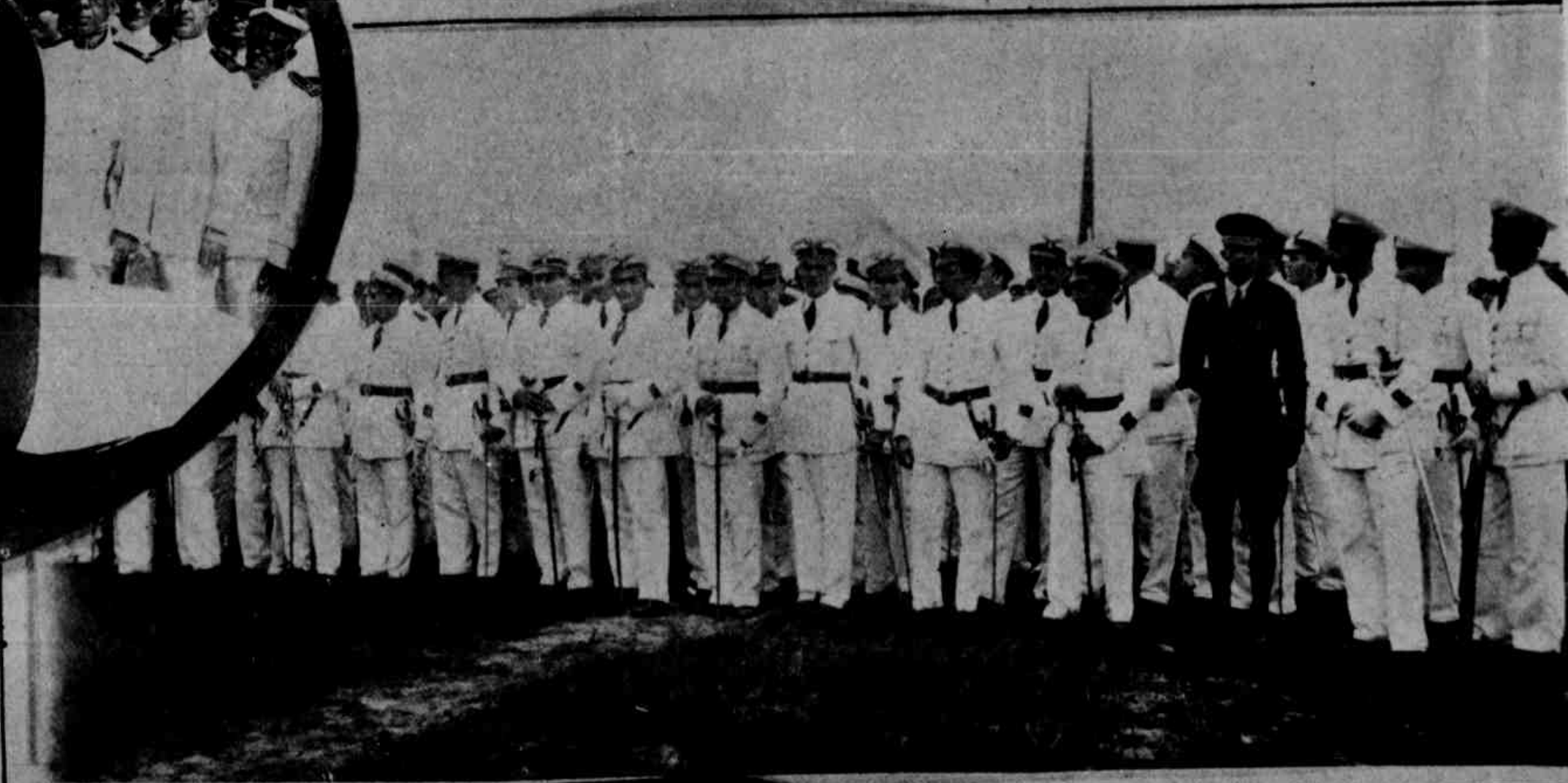
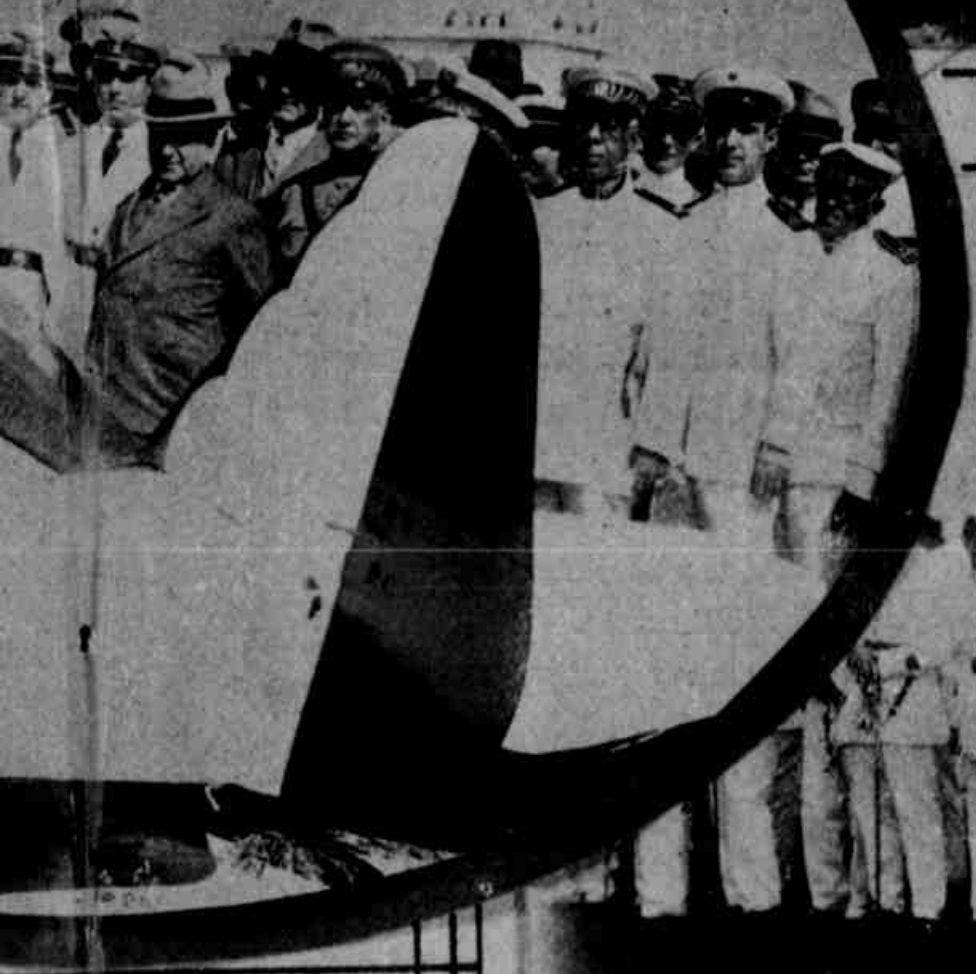
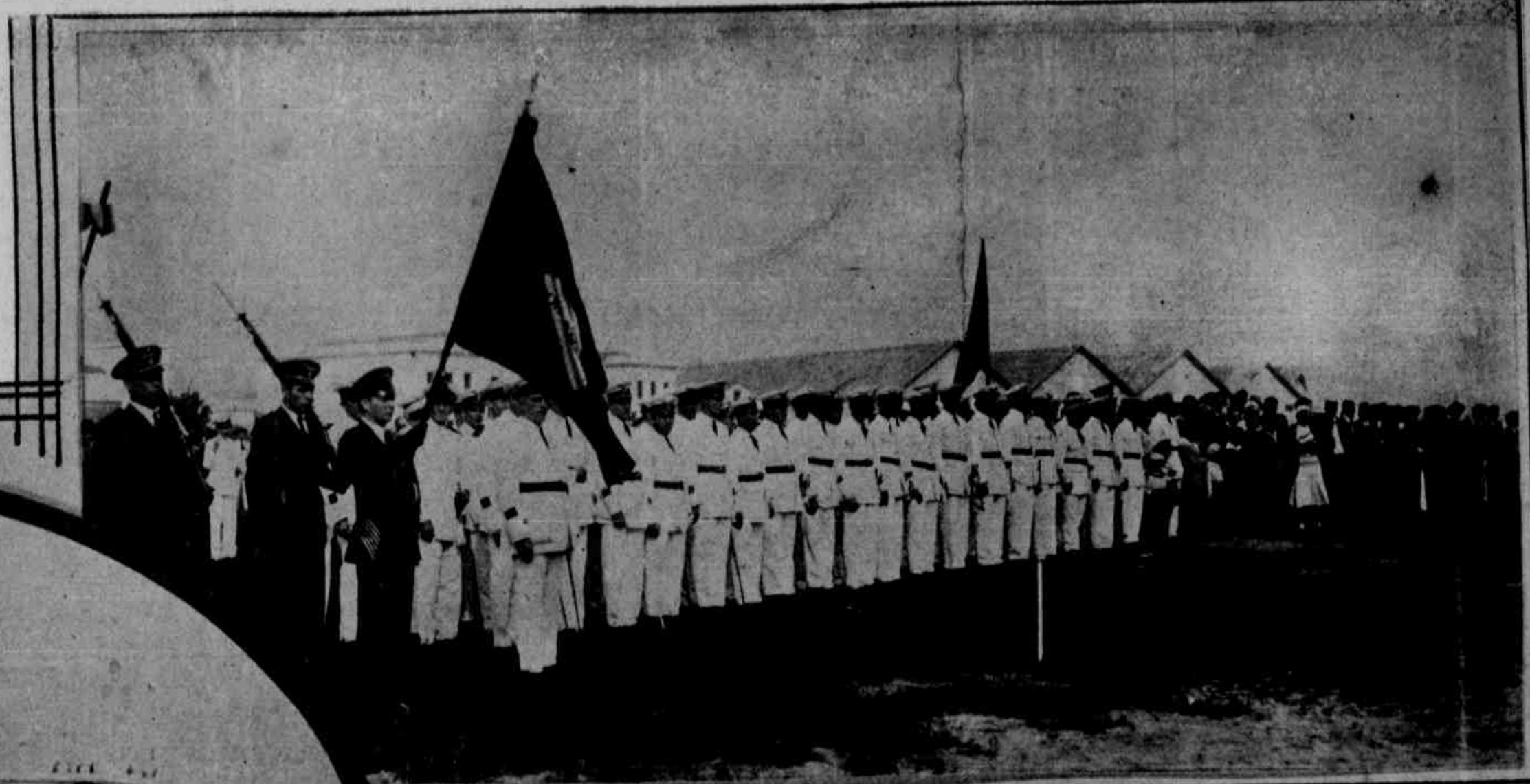
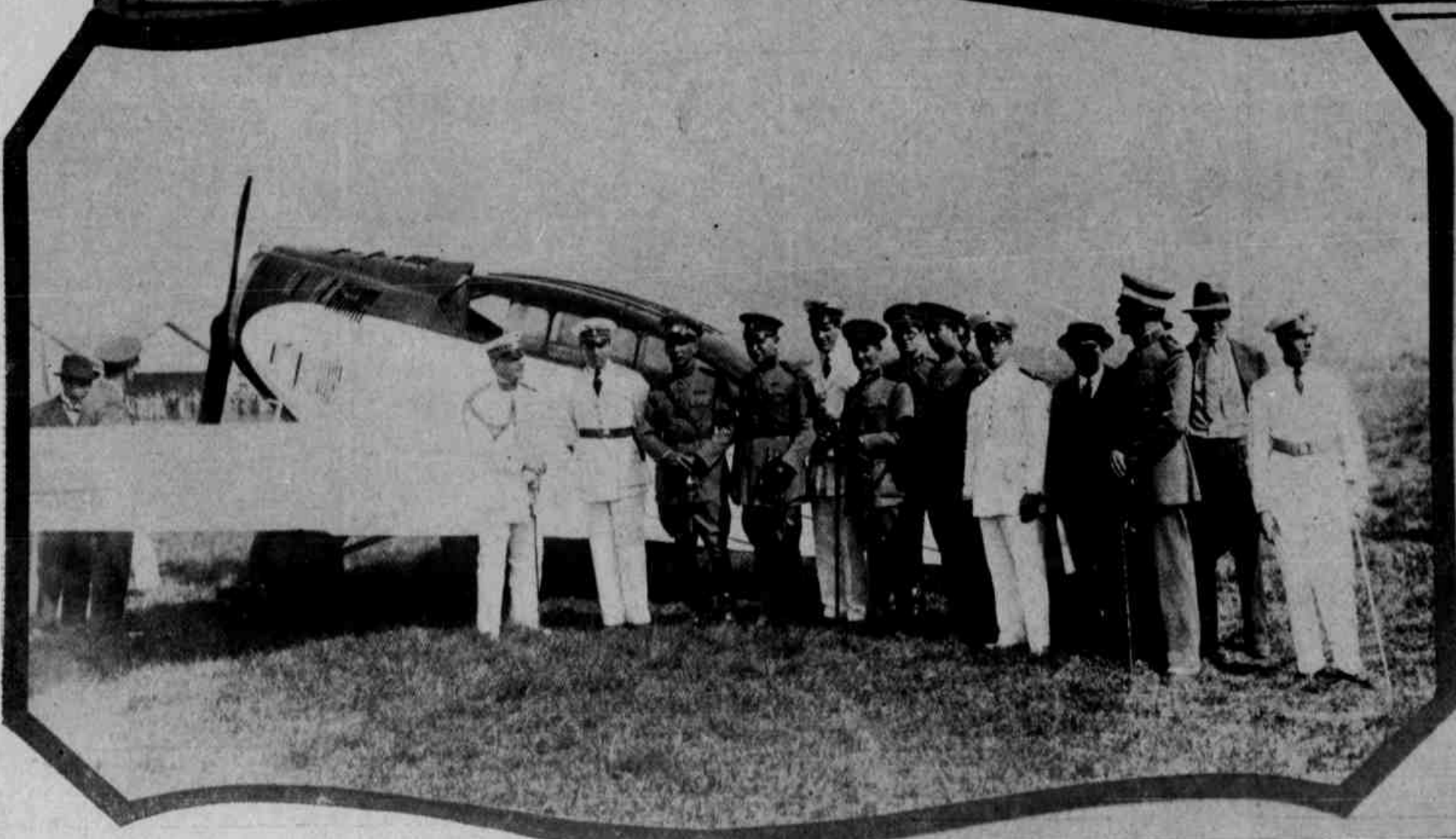
NO PALACIO ITAMARATÍ

Antes do banquete que o Presidente Getulio Vargas ofereceu ao Corpo Diplomatico

A' esquerda: baile no Orfeão Portugal. A' direita: baile no Club de Regatas Botafogo.

O Senhor Costa Rego saudando o Padre Coulet no dia da conferencia do grande orador

NA ASSOCIAÇÃO DE IMPRENSA

npo

nsos

aspétos da
aniversario
a de Avia-
Exercito. O
o Governo
resente com
ora, e esti-
resentes os
, o Chefe
a e o Inter-
l o Distrito
O Presiden-
o voou num
construido
jor Muniz.

Alunos da Escola de Aviação juraram bandeira

Chinita Ullmann e Carletto Thieben

DANSA

Quasi sem reclame, os dois artistas interessantissimos chegaram da Europa, estréaram no Municipal. E foi uma revelação! Carletto nasceu na Italia. Chinita nasceu no Rio Grande do Sul. Bailarinos diferentes, de uma arte aprendida, mas tornada outra. Ela é mais movimento. Êle é mais harmonía. Trócam os sexos das qualidades e maravilham.

Cinema

"IRACEMA", o film baseado na obra de José de Alencar, que o Programa Argus apresentou em sessão especial, possue um encanto, que não póde deixar de falar infinitamente á alma de todos os brasileiros. "Iracema" derrama na alma da gente uma suavidade tal que nos purifica e estimula o que ha de melhor em cada um de nós. O amor da virgem de Tupan e do Guerreiro Branco é como um rio caudaloso e puro a rolar pelo esplendor daquelas selvas violentas, ora lançando-se em vertiginosas cataratas, ora a insinuar-se, tranquilamente, por entre aquelas paisagens deslumbradoras. Sentimos, neste film, pulsar o coração ardente do Brasil, do Brasil primitivo e ingenuo das tribus orgulhosas dos primeiros indios, do Brasil sincéro e rude cuja grandesa é a nossa ternura e toda a nossa gloria, do Brasil generoso e forte que nós admiramos e defendemos e que vibra por nós na pujança das suas arvores gigantescas e nos beija e acaricia na sonoridade das suas aguas misteriosas...

A alma da mulher brasileira estampa-se, radiosa e pura, nos olhos de Dora Felly, a feliz interprete da "virgem dos labios de mel". Ronaldo Alencar tambem está ótimamente adaptado ao seu papel. Araken, Poty, Irapuan personificados respectivamente pelos artistas Carmo Naccarato, Reginaldo Calmon e Diogo Miranda, não merecem menores aplausos. O film agrada, mas, sobretudo, encanta. Ao escutar o rufar dos tambores dos Potyguaras destemidos, ao estremecer ao toque de guerra da tribu dos Tabajáras e ao contemplar a pureza e a sinceridade dos olhos de Iracema, qual o brasileiro que não sente melhor a sua brasilidade? Qual o brasileiro que não aplaude o esforço da Metropole-Film e qual o que não se sente infinitamente orgulhoso com o seu sucesso?

LÁSINHA LUIS CARLOS

Na Academia de Medicina

Antes da sessão solene comemorativa do 102° aniversario da fundação e da entrega dos premios "Doutorandos de 1900", "Azevedo Sodré" e "Benjamin de Oliveira"

Visita dos jornalistas ao Departamento Oficial de Publicidade, dirigido pêlo Sr. Sales Filho, que expôs os fins dessa nova repartição publica.

O tesoureiro da União dos Empregados do Comercio entregando o cheque para a compra do edificio do hospital sanatorio para os socios.

Em baixo:

inauguração, no Palace Hotel, da exposição de quadros do pintor japonês que tem um nome dificil e um grande talento

RUBENS DE MORAES

SOCIEDADE DE S. PAULO — Senhora Ruy Mendonça com seus filhinhos Luiz Carlos e Ruyzito

I

ENTROU. Sentou-se a um canto. Ninguem poz-lhe reparo. Mas o mestre, que limpava modelos velhos, descobriu-a e perguntou-lhe:

— Que vieste fazer aqui?

Respondeu:

— Vim desenhar.

E ele compreendeu que ela não era como os outros e indagou que preferia desenhar.

— Um torso.

Deram-lhe um pedaço de papel. Mas pediu uma folha muito grande. Não havia folha bastante grande. Então uniram várias folhas sôbre uma prancha; e ela começou a desenhar um torso. Mas o torso era tão grande que não cabia no papel. Pouco importava, porque era belo.

E o mestre perguntou:

— Onde aprendeste anatomia?

— Que é anatomia?

— O estudo dos musculos, disseram-lhe.

Compreendeu e lembrou:

— Ora! vi tantas vezes as galinhas que corriam quando lhes levavam milho; e meus musculos tambem, ao me banhar no rio...

E todos a amaram e lhe disseram que voltasse a desenhar. Respondeu que não tinha dinheiro. Mas o mestre acariciou-lhe os cabelos e disse:

— Aqui não se paga.

II

Voltou todos os dias. Sentada a um canto desenhava torsos, mas belos e puros.

Uma vez chegou-se ao mestre e disse:

— "Me" corte os cabelos?

Ele, sorrindo:

— Nunca fiz isso, mas vou tentar.

E com uma enorme tesoura enferrujada cortou-lhe os longos cabelos negros, que tombavam mortos, em torno dela.

Quando acabou, ela disse:

— Sinto-me bem. Obrigada.

E partiu, feliz, a nuca fresca.

III

Chegou-se para nós e falou:

— Não posso voltar mais. Estou sem sapatos.

Mas um dos rapazes lembrou:

— Tenho tres irmãos menores. As botinas do mais velho talvez te sirvam. Trarei um par usado.

Trouxe-lh'o. E ela continuou a vir diariamente, com os cabelos cortados e botinas de menino.

IV

Fiz anos.

Todos no meu quarto. Ela entrou e entregou-me uma reprodução de Gangin, dizendo:

— Dou-te isto.

Beijeia-a; depois perguntei onde achára dinheiro para comprar o presente.

— Posei cinco dias, murmurou.

Quando voltei para São Paulo não chorou. Mas, ao beijar-me, seus labios tremiam.

V

Escreveu-me. Sôbre a pagina branca havia:

"Tenho
duas cerejas uma para mim
outra guardo-a para
ti."

Só. Para que mais?

VI

Um dia, no atelier, recordavam-se de mim. E ela disse:

— Quero ir vel-o no Brasil.

Mas o mestre contou-lhe que era muito longe o Brasil. Tão longe que não sabia calcular quanto tempo gastava para lá ir.

Então um rapaz muito palido e magro falou:

— Sei somar; e vou fazer a conta.

Sentaram-se todos em roda. Puseram deante dêle uma folha de papel; mas como a soma era muito comprida pegaram uma grande folha de papel.

E o rapaz muito palido e magro somou dia por dia quanto tempo ela precisava para vir ao Brasil. Quando a soma estava pronta uma aluna que tinha nariz de trombeta aconselhou:

— Ponha dois dias para as dôres de cabeça.

E o rapaz muito palido e magro ajuntou mais dois dias para as dôres de cabeça e anunciou que era preciso dois anos e dois dias para vir ao Brasil.

Mandaram-me o resultado da soma. Não mandaram todo o calculo, porque era muito grande.

VII

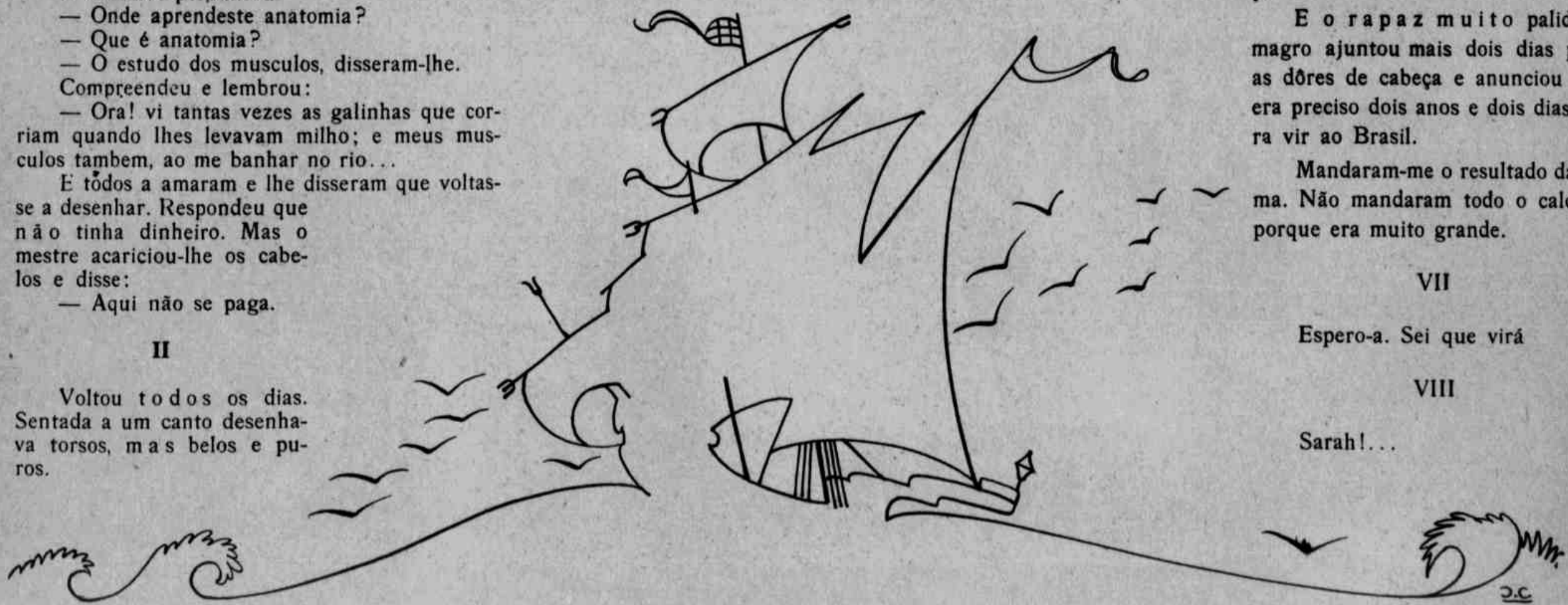
Espero-a. Sei que virá

VIII

Sarah!...

SMITH

—

FRIESCHMANN

(NITEROÍ)

Malta Cardoso Ayres de Lima

(SÃO PAULO)

Insune Batista com
Clovis Mousinho
(NITEROI)

Maria Luiza Elias com
Manuel Fontoura
Magalhães
(RIO)

CASAMENTOS

Ela é alta funcionaria da Companhia Telefonica do Rio de Janeiro e canditada ao titulo de Rainha da Colonia Portugueza.

Durante um baile na Banda Portugal

CANAL DO PANAMA

S. João na minha terra...

GILBERTO VEIGA

DESDE cêdo D. Mariquinhas e suas filhas andam numa azafama dos pecados. Debulham milho verde e ralam o côco para o preparo da cangica; catam e lavam o arroz agulha levando-o ao fogo de mistura com leite, assucar e canela em casca, fazendo o arroz doce; filtram numa estopinha o saboroso licor de genipapo; cortam as cabeças das galinhas e sangram os leitões, – que sempre pagam o pato dos jantares opiparos, — assando-os ao fôrno, corando-os gostosamente e tornando-os capazes de encher a boca dagua a um ente que estivesse prestes a "evaporar-se" dêsse mundo que, diga-se aqui para nós, é ainda o mais sedutor de todos os mundos.

No terreiro os agregados lascam grandes tóros de madeiras e erguem uma fogueira magistral. O "ramo" cheio de laranjas maduras, folhas de crotão, bonecas de milho verde, batatas doces e muitas outras frutas e flôres, se ergue imponente em frente á porta. E' o simbolo da paz, o atestado da alegria e o prenuncio da felicidade do ano vindoiro.

A' tardinha, quasi noite, chega o chefe da familia: vem carregado de pacotes de todos os tamanhos: são traques, bombas, foguetes do ar, pistolões de balas, busca-pés, espadas, todo um arsenal de fogos e brinquedos para os garotos e para... os velhos.

Então a casa vira em polvorosa! Ninguem mais se entende!

E' um pequeno que protesta vermelhinho de inveja e mordido de despeito: "Nônô ganhou mais "rodinhas" do que eu! E' a filha mais velha reclamando que o seu pacote de pistolas é de quatro balas, enquanto o da Juanita que é mais moça, é de cinco! O pai intrevém justiceiro: acalma um, dando-lhe a parte majorada; atende á queixa do outro, retificando o engano da distribuição, com as ganas da prejudicada no equívoco.

Começam a serenar os animos quando os meninos novamente se empertigam: querem porque querem soltar aos ares os fogos que lhes couberam na partilha! O pai reclama: "que é cedo, que deixem primeiro acender a fogueira."

A mãe, na cozinha, se exaspera e dá o estrilo porque o filho mais novo, levadinho da bréca, meteu o dedo no cús-cús! Um horror! E de permeio, castigo nesse, puchavões de orelhas naquele, briga entre dois por causa de um fosforo de côr roubado, grito de outro por um "xabú" que o "corisco" dera!

Dentro em pouco a mesa é posta. Todos a ela! E' repleta. Tem de tudo. A garotada, porém, não quer saber de comer: tem os olhinhos voltados, numa alegria desmedida, para o guarda-louças, onde estão empilhados os fogos.

A mãe, solicita mas sevéra, impinge castigo a esse, aplica um beliscão naquele, fazendo-os engulir os alimentos entre lagrimas e esperanças.

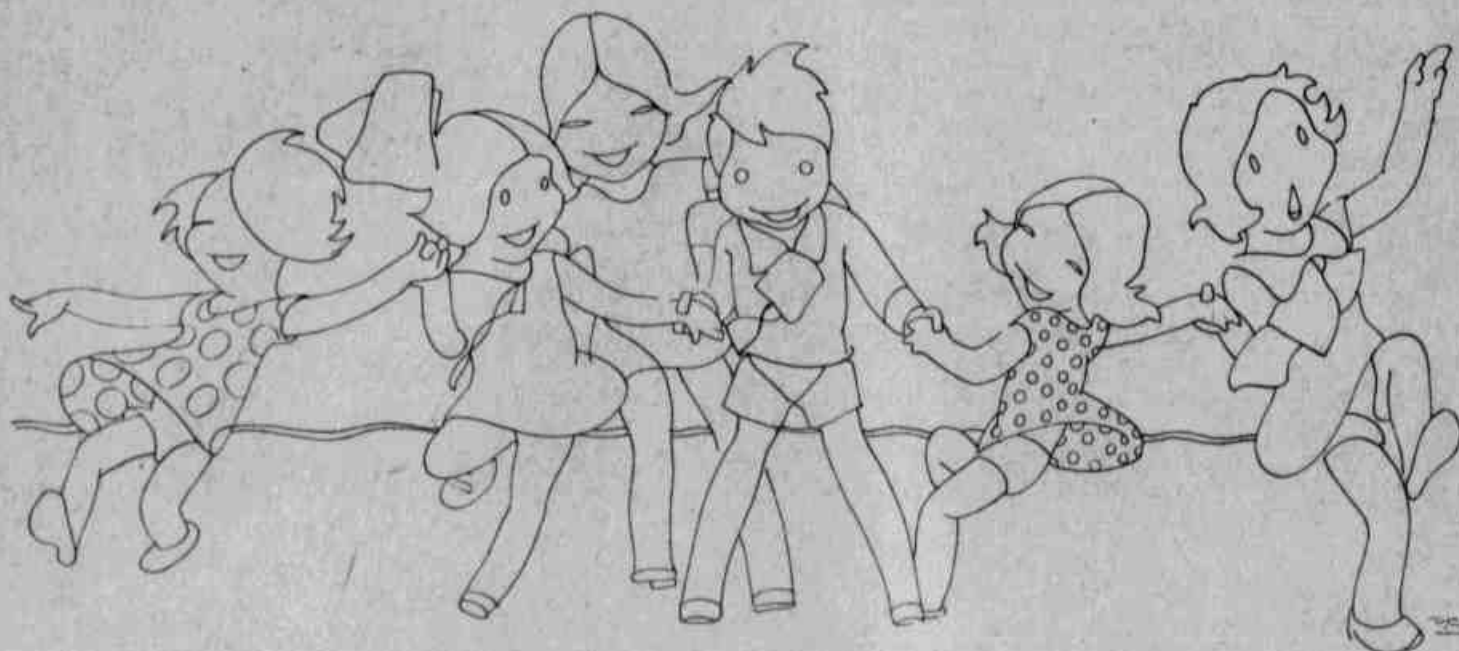
Mal se provou o perú recheiado e coberto de rodelas de limão e cebolas, já a meninada debanda nervosa como uma boiada que estourasse! Um Deus nos acuda!

Daí a pouco, toda familia em volta da fogueira enorme, assiste ao crepitar da lenha sêca. Uma garrafa de querozene, uma chama tenue ao principio, vivas a S. João, e a labareda lambendo a madeira de lei, vai ganhando terreno, por ali a cima.

A' meia-noite, os "morteiros" que chegam abafam com os seus formidaveis clavinotes os pequenos "estouros da familia". E com troar das armas, o ribombar do "acórda João!" daqueles homens simples e crentes. Os meninos não se amedrontam: estão afeitos áqueles folguedos que se repetem anualmente.

Na sala de visitas, vasta e arejada, uma harmonica tocada por um preto não pára nunca! E os pares, — geralmente os moços e as "meninas" da vila, — fazem apostas para ver quem perde: se o "musico", se as suas pernas. O pobre homem, esbaforido como o fole da sanfona, já tem nos dedos grandes bolhas dagua e os "dansarinos" os musculos tremulos como as palmas de um coqueiro. Mas é uma questão de honra! E por ali segue in-

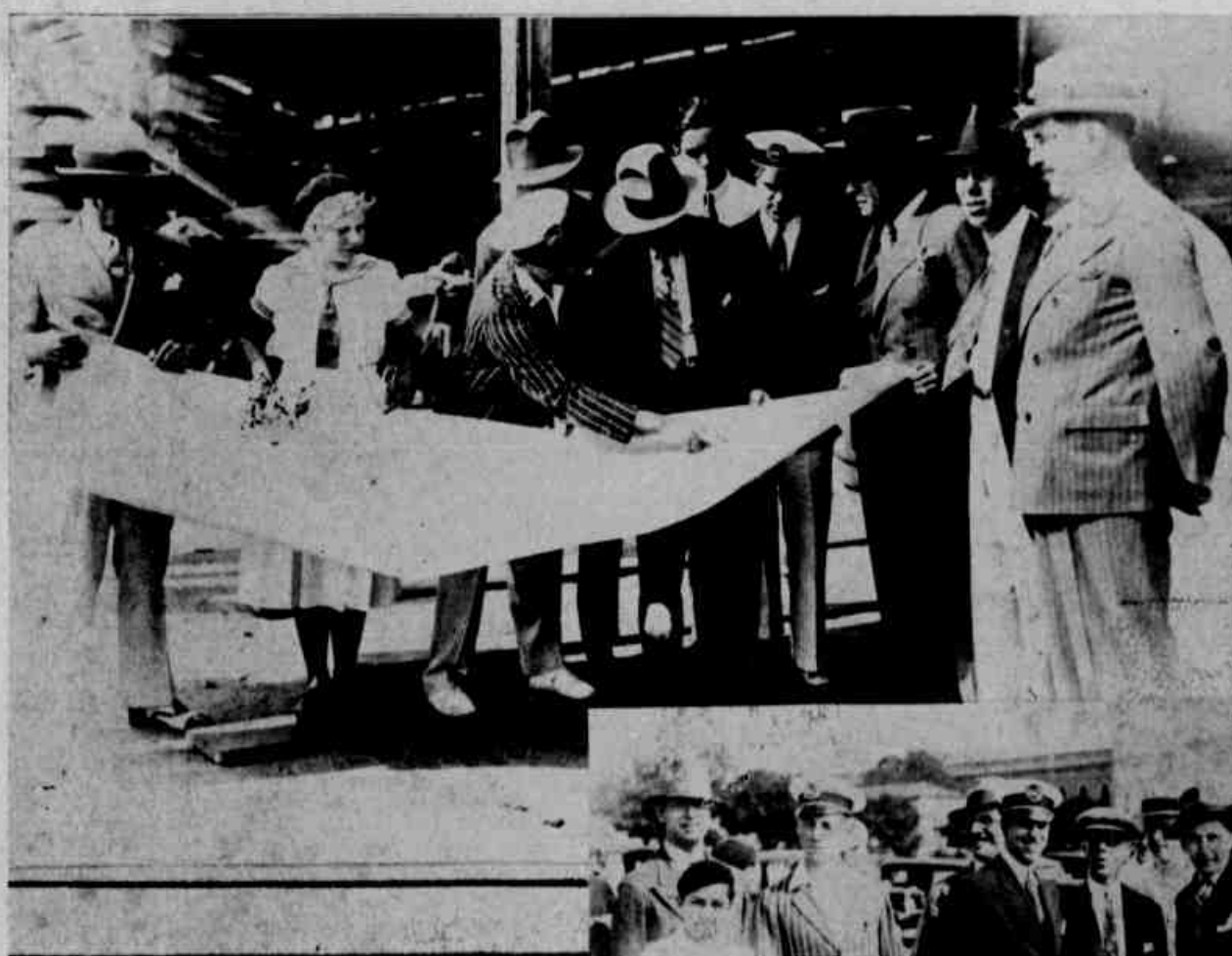
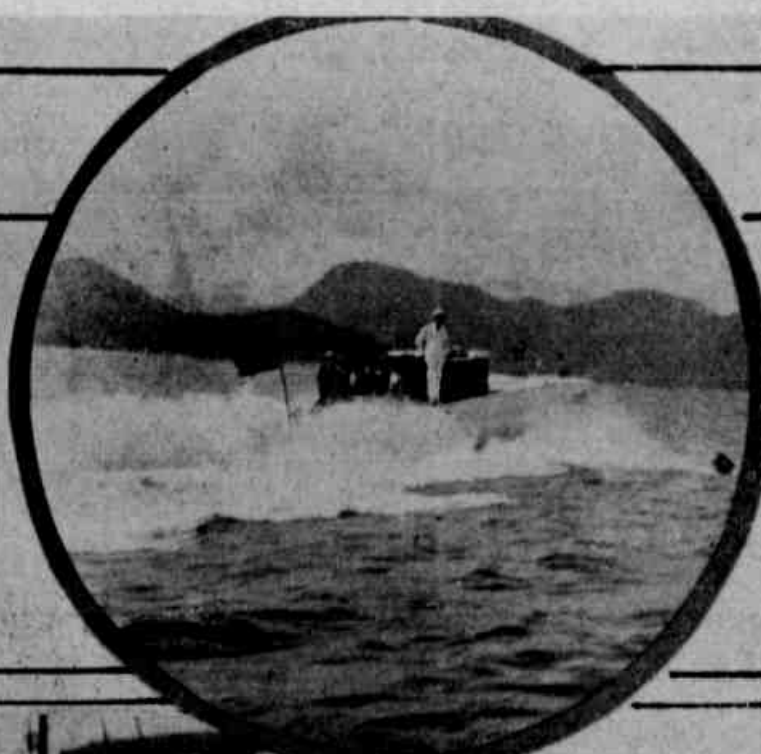
(Termina no fim do numero).

LETRAS SOCIEDADE TEATRO ESPÓRTE

Osvaldo Orico

Êle acaba de lançar, com imenso exito, a revista "Vida Literaria". E' um escritor em atividade. Na semana que vem, das oficinas da Companhia Editora Nacional, sairá a vida romanceada de José do Patrocinio: "O Tigre da Abolição", ultimo trabalho de Osvaldo Orico, irmão do "Demonio da Regencia", sobre o padre Feijó e a sua época aparecido em Setembro de 1930 e já esgotado.

Senhorita
Luci Levi de Almeida

Ruben Gil

Ruben Gil escreveu uma revista. Boa nova. Todas as veses que Ruben Gil vai para o cartaz, o publico se alegra. Êle tem graça, tem gosto, tem originalidade. Agora, a Companhia Araci Côrtes, na sua temporada do Republica, a escolhida pelo autor para a montagem da "A Rainha da Colonia", em dois atos e trinta e cinco quadros, com música otima. "A Rainha da Colonia", pêlo que conhecemos dela, ficará em cena até o fim do ano.

Instantaneos da visita do Interventor Bergamini ao Yacht Club

No Praia Club

Maestro Francisco Braga que recebeu no dia 14, num intervalo do concerto da Sociedade Sinfonica, no Municipal, a comenda da Legião de Honra, que lhe foi entregue pêlo Embaixador Francês.

No Atlantico Club

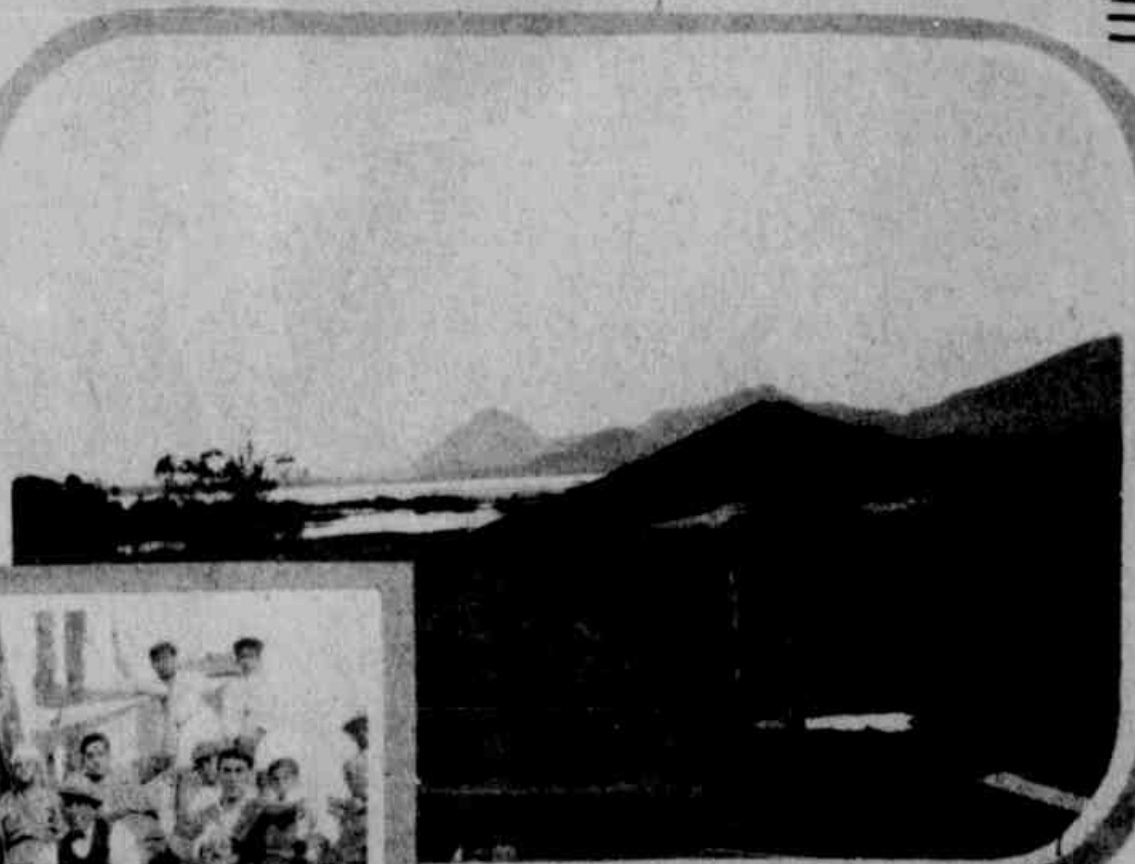
Quatro instantaneos tomados durante o almoço que o Dr. Lucilio Torres ofereceu, domingo, a um grupo de amigos na sua casa de campo em Jacarépaguá.

UMA FESTA CORDIAL

MARICÁ

A cidade colonial do Estado do Rio.

Excursão realizada pelo "G. G." do Centro Excursionista Brasileiro.

Vista tirada do campanario da igreja matriz de Maricá

Aspétos da lagôa Maricá

Excursionistas posando para o "Para todos..."

Vista da barra

Aspéto colonial

de Elegancia

A CIDADE...

Porque anda movimentada, cheia de bonitezas, de elegancias, a gente fala nela.

Desde o quarteirão dos arranha-ceus, onde "Mado", uma linda casa de chapeus femininos, e A. Doret, perfumista e cabeleireiro da alta sociedade, atraem concurrencia fina, a cidade é encantadora. Depois, os concertos do Municipal, as vesperaes da companhia francêsa. No "Belas Artes", na sala de chá, figuras da politica, das letras, do theatro, da "élite" carioca. Em mesa para onde convergem todos os olhares um grupo animadissimo: Ernesta von Weber, Margarida Fryer, a senhorita Gama Fernandez, e as duas ardorosas feministas do Rio Grande e do Paraná, respetivamente: Ilka Labarthe e Marta Silva Gomes.

Cá fóra, na calçada, é que se sabe do sol ainda quente a iluminar, de graça, as ruas depois de dois dias cedidos á chuva e á friagem, o que não foi nada mau para os "renards" e outros agasalhos que tanto nos custaram...

Anesia Pinheiro Machado, de vermelho vivo, esta de pelastra com Rafael Corrêa de Oliveira, diretor do "O Tempo", de São Paulo, e Rui Carneiro. Tenho vontade de fazer indagações politicas da terra que se vai aproximar daqui pelas malas de correio via-aerea. Temo ser indiscreta. Por isso, aceno amistosamente, e sigo. Mais para diante dou com Maria Leonarda de Almeida, num gracioso "ensemble" Havana e branco; Odette Barcelos está bonita e elegante. Na "Leblon" uma figura de "Femina": Silvia Ponce, de crêpe setim preto, casaco barrado de pele e mangas a tres quartos tambem orladas do mesmo enfeite até os pulsos e colantes pelo braço, mangas de "Georgette" rosa e grandes "pois" pretos. Ella experimenta um chapeu de pelucia de seda preta e camélias, quasi do mesmo feitio do seu "tricorne" de palha rendada e de audacioso gosto modernissimo. Oiço, então, alguns comentarios sobre os novos chapeus, esses que os mais reputados figurinos parisienses nos mostram e achamos, á primeira vista, sem graça, quasi ridiculos, e, sobretudo, nada rejuvenescedores.

"That is the question"...

Eles aqui figuram. Alguns, "inclinés en avant", outros caídos do lado. Começando por estes parece que a transição não será tão brusca. E aqui temos um "Sophie": copa de feltro preto e aba de crina tambem preta recoberta, na metade, de plumas frisadas nos tons de verde, preto e branco.

Dos "en avant": copa bem rasa e aba no genero "cloche" (criação Maria Guy); chapeu de feltro com guarnição de asas — preto e branco ou branco e preto; e outro Maria Guy — veludo ou seda preta guarnecido de fita branca, fingindo penas.

Continuando o giro pelas ruas centraes ainda encontro: Rosalina Coelho Lisboa Miller, de "beige" e preto; Germana Fogliani, a Condessa Gioia Gaetani, a senhora Silva Leal em companhia da senhora Montenegro, a senhorita Candido Mendes, a senhora Baptista Luzardo, a interessante senhora Maria Gama e a graciosa Heloisa, o poeta Olegario Maria-

mangas curtas. Camurça branca e canhão franzido no sentido vertical; camurça branca e franzidos em horizontal s e parados por tiras largas; luvas para "tailleur", largos canhões a mosqueteiro.

Dois graciosos vestidos estampados: de "crêpe" branco e desenhos em vermelho e preto; de "crêpe" "gris" e "pois" lacre.

Os vestidos de estamparia devem ser escolhidos com mais cuidado que os outros em virtude da mistura de coloridos, que, qualquer gota dagua ou de suor mancha, confui dindo as côres, tornando-as de aspecto desagradavel. *Indanthren* é a unica anilina que garante o colorido dos tecidos lisos ou estampados, em seda vegetal, linho ou algodão.

Jaquetas — Todas brancas, e de ultima moda com vestidos preto, Havana, marinho ou estamparia. E capa confortavel para quem viaja — góla e punhos de "ragodin"

Mais: detalhes do "dernièr chic"

——oOo——

Meias — Salí — na Casa Machado — bem como perfeitos bordados á maquina.

——oOo——

Na proxima vez: moveis — de Albino Barros & Cia. — Ouvidor e rua do Catete.

SORCIÈRE

no — recem-nomeado fiscal do ensino —, Bastos Tigre, sobraçando volumosa pasta —, o ilustre Lauro Sodré; Aluizio Tavora, do Banco do Brasil, e Jaime Tavora, do Ministerio da Viação; Pascoal Carlos Magno que fez parte da ultima representação do Teatro de Brinquedo; Procopio Ferreira.

Lulú Honold Rocha Miranda, parisiense, como sempre; a senhora Carlos Guinle, a senhora Frederico Mateus dos Santos — recem vinda da Baía; Carlos Cavâco — do Ministerio do Trabalho; Sales Filho, diretor do departamento de publicidade; Frederico Barros Barreto, o juiz, na esquina de Ouvidor e Avenida, numa roda em que o riso alegra tambem quem passa...

——oOo——

As outras gravuras: luvas de tarde, para vestido de

De tudo um pouco

Cardapios para a redução de peso — (Do livro "Alimentação e Saude" de McColum e Simmonds e tradução do Dr. Arnaldo de Morais)

Pequeno almôço — Laranja,, ovo escalfado, duas fatias de "bacon" magro e tostado, uma fatia de torrada, café com um pouco de leite, ou uma dose de creme sem assucar.

Almôço — Sopa de vegetais, duas bolachas de agua, salada de alface e tomate com pequena porção de azeite; ou, sal, pimenta e vinagre; um pãozinho em forma de rôlo com manteiga (mas não mais que um cubozinho de manteiga por dia); sôro de leite.

Jantar — Uma pequena costeleta de carneiro, uma batata pequena cozida, couve de Bruxellas, aipo e couve picada, um pãozinho, leite desnatado, toranja.

DANSA DA MODA

Voltou a valsa. Voltou para o prazer dos que a dansaram há vinte anos atrás. Voltou para rivalizar com o "fox", o "blue", o maxixe.

A valsa é aquela musica harmoniosa, cheia de voluptuosidade e langour que fez a fortuna de vários compositores francezes, já havendo celebrizado Strauss. Antes, porém de "Quand l'amour meurt", "Quand l'amour refleurit" e outras de sugestivos nomes, de Crémieux, havia valsas de éras antigas que os novos daquele tempo batucavam ao piano, dedilhavam ao violão nas serestas ás meninas bonitas da terra, e em noites que a lua permitia apagar os bicos de gaz.

Strauss lançou a valsa da "Viuva Alegre", a "Sonho de Valsa", emfim, valsas de várias aperetas que fizeram o encanto de epoca não mui remota.

Mas a valsa, agora, tem tido sucessos estrondosos, firmados desde a passagem de Edward de Windsor pela nossa maravilhosa cidade. Com ele aqui a valsa foi glorificada — apesar do gosto do principe George por sambas consagrados no nosso último carnaval. Outro dia, no "grill-room" do Copacabana, foi de grande entusiasmo o rodopio da valsa. Os moços e as moças dansaram. Os menos moços e as menos moças tambem. E nenses ficou no espirito daque neses ficou no espirito daqueles, enquanto estes ouviram e dansaram a valsa com o cerebro povoado de muita lembrança que o correr dos tempos poliu para a melancolia de uma saudade delicada...

CURIOSIDADE ORTOGRAFICA

Das assiduas leitoras desta secção uma há que do seu tempo, quase todo empregado em estudo de figurinos e graves meditações sôbre modas, agora dedica ás pequenas sobras ao caso da nova ortografia.

Talvez sómente por lhe parecer uma novidade, ainda não vinda de Paris.

Pois é essa leitora que quer saber e pergunta:

— Por que no "Formulario Ortografico", hoje oficializado, se manda escrever com **s** e não com **z** — "aragonês, barcelonês, berlinês" etc. —de Aragão, de Barcelona, de Berlim, ao passo que "javanês", de Java, aparece, duas clausulas adeante, quando se trata dos monosilabos e de certas palavras agúdas?

Ahi fica a interrogação, que já veio paramentada segundo os benemeritos preceitos modernos.

Aos competentes é que cabe a resposta.

FEMINISMO

Trata-se do primeiro jurv feminino, em Illinois, Estados Unidos. Para julgar um accidente em que morreu uma senhora sob as rodas do automovel guiado pelo proprio filho. O réo foi absolvido. E o jury, muito elogiado, criou mais animo para espalhar aos quatro ventos os direitos integraes da mulher. Parabens ás feministas daqui e d'além-mar.

SAPATOS

Num topico de hoje e desta pagina falei sobre calçado, criticando certos habitos. Neste de agora só se pretende elogiar uma casa em que a fidalguia de trato é evidente e os calçados evidentemente bonitos: "A Esquisita".

Sempre com innumeros modelos proprios ás estações, sempre usando excellente materia prima, a casa de calçado da Rua Gonçalves Dias é das mais procuradas pela sociedade carioca.

Agora mesmo, neste fim de inverno, são innumeros os sapatos bem lançados, variedade de pellicas, de luxuosas pelles de lagarto, de crocodilo, de camurça, numa admiravel collecção de coloridos e de creações.

— Quem está lá, na terceira mesa á direita, com a senhora L.?

— E' uma figura politica do momento.

— E perto da janela, aquele casal ainda joven?

— Uma feminista, do ultimo congresso, e um medico de idéas... retrogadas.

— Discutem, pois não?

— E' possivel que seteja havendo entre ambos um choque de... espiritos.

— Você é muito sem graça.

— E a minha amiga a creatura mais curiosa do mundo.

— Desta sala, talvez.

— Desta e das outras em que está e observa e quer notas para...

— Para falar de "atualidades".

— Por lembrar-se disso: é verdade que vae haver um reboliço na moda feminina?

— Nos chapéus femininos.

— Como?

— Usados durante quase dois anos bem para trás já estão cansando a quem os vê.

— E não a elas, mulheres?

— Não. Os costureiros é que se cansaram de trabalhar em copas rasas, sem aba, que as mulheres colocavam á cabeça como os "gavroches" colocam os gôrros.

— E os gôrros delas?

— Tambem.

— Assim, reforma radical?

— Insensivelmente iremos vendo chapéus mais para a frente, ora caidos um pouco do lado, quase a tocar uma das finas sobrancelhas, modeladas a pinça, ora, nas mais exageradas, bem inclinados no meio da testa. Até já se vêem chapéus de aba dobrada atrás pousando sôbre um maço de flôres e bem na linha da testa, á frente. Cópia do que se usou. Você sabe que as idéas dos creadores da moda, atualmente, muito se baseiam nas dos antigos. O costureiro parisiense, de nomeada, frequenta museus no intutio de compôr modelos. Aqui ainda não chegámos a essa perfeição, mesmo porque nos aperfeiçoamos sempre em copiar as modas de Paris, os modos americanos. dansamos as valsas de Viena, os tangos argentinos, apreciamos o "golf" pelo prazer de cultuarmos o esporte predileto do herdeiro do trono britanico...

— Você acha, então, que não temos, capacidade para inventores?

— Como não? Fico-me, porém, nas invenções alheias. As coisas cá da terra nós as sabemos de cór e salteado. E, tanto não nos importamos com o que produzimos que fizemos "sueto" na "Exposition Coloniale".

— O que mandariamos, por exemplo?

— Mandariamos... além de outras coisas, tecidos.

— E os que lá expuseram?

— Admiraveis. Parece que atravessámos a epoca em que a lã rivalizará com a seda, porque, desde a grossa, para capas de verdadeiro agasalho, ás finissimas, houve trabalho requintado de tecelagem. Lãs de fundo branco, desenhadas geometricamente, em côres, com desenhos copiados de jarras africanas. Desenhos de Sião nas lãs de fundo cinza, lindos desenhos marroquinos. A arte decorativa influindo nos panos para os vestidos femininos.

— Mas os daqui...

— Se os tecidos das fábricas nacionais ainda não chegaram á perfeição dos estrageiros, já são, no entanto, muito bonitos.

— Você é "nacionalista?"

— Não lhe parece que esta sala de almôço lembra, pela animação e elegancia, a do Ritz?

— Sim, de fato. E' um canto de Paris nesta bela cidade carioca. Fuma?

— Ainda não ..

— Então permite...

— A' vontade.

S.

MORRER DE AMOR

Não é necessario comentar. Basta, apenas, citar os casos seguintes, transmitidos por jornal fracês.

Temos, em primeiro logar, o de uma senhora residente em Moulins, que, não resistindo á separação morre dez dias depois do marido.

Em Thonon-les-Bains houve solução mais rapida. Um marido, desesperado com a morte da companheira tambem falece e segue com ela, na mesma hora, para cemiterio.

Outro cortou as arterias, golpeou o pescoço, conseguindo, assim morrer até antes da mulher que fôra conduzida a um hospital em estado deseperador.

O mais curioso, porém, está num casamento, em Brindissi. O noivo contava 73 anos de idade. A noiva, 70. Por ocasião da bênção nupcial, êle, o noivo, emocionado sucumbiu. Causa mortis: embolia. E ela, a noiva tambem morreu minutos após.

São noticias assaz curiosas nestes tempos de crise de conservadores e regimen liberal..

"MODA E BORDADO"

E SUA VENDA AVULSA NA CAPITAL DE SÃO PAULO

Procurando corresponder á honrosa aceitação que, por parte das Exmas. senhoras e do publico paulistano em geral, tem merecido a nossa revista "Moda e Bordado", vimos avisar que o citado magazine, além dos principaes pontos de jornaes, é encontrado á venda nas seguintes casas:

Agencia De Maria — Parque Anhangabahú, 22.
O. Lilla — Rua Direita, 23 e respétivas filiaes.
Casa Garraux — Rua 15 de Novembro, 20.
Livraria Lealdade — Rua Boa Vista, 36.
Livraria Annunziato — Praça do Patriarca, 7.
Livraria Teixeira — Av. São João, 8.
Agencia Santa Terezinha — Rua Direita, 28.
Irmãos Coelho — Rua da Liberdade, 72.
A Favorita — Rua 15 de Novembro, 8-A.
D. Julieta S. Lago — Livraria da Estação da Luz.
Agencia Universal — Rua S. Bento, 15.
Recupero & Gallo — Av. Rangel Pestana, 302.
Livraria Edanée — Rua S. Bento, 71.
J. S. Reis — Rua da Liberdade, 31.
Agencia Scafuto — Rua 3 de Dezembro, 5.
Habib Saad — Rua Palmeiras, 39.
Renato Coelho — Rua Sebastião Pereira, 14.
Francisco de Castro — Rua Liberdade, 38.

PEPITO

(F I M)

Papai caiu, desamparado, num banco tosco e alí se deixou ficar, semimorto.

Os homens silenciosos e todos de preto, um a um, foram desaparecendo...

Pepito ficou sózinho. A porta, que dava para a rua, deixaram escancarada. Nunca vira a porta aberta, dêsse geito. E por que partira mamãi?

Vagarosamente, como se cometesse uma falta, foi-se aproximando, aproximando, a olhar para traz, esperando encontrar o sorriso dolorido e feliz, até na repreensão...

Quanto socego! Chegou á calçada da rua, e suspirou. A noite baixava lentamente, e tudo era silencio... Ensaiou alguns passos mais, cheio de medo. Olhou para traz, novamente. Ninguem! Apressou a marcha. Eil-o, onde sempre sonhára pisar com seus pésinhos de garoto vadio.

Agora que mamãi tinha sido carregada, toda de branco, toda feliz, naturalmente para alguma festa no céu, e que papai ficára longe, a chorar, em altos brados, Pepito respirou largamente e, com as mãos nos bolsos, transbordando todo êle de ventura intensa, dobrou a esquina e, confundindo-se com a multidão das ruas, desapareceu...

NOEMI PITANGA

São João da minha terra

(F I M)

findavelmente a polca chorosa, os "flirts", os abraços que as dansas proporcionam, risinhos de satisfação, quando a dona da casa, como medida reconciliatoria, chega repentinamente, trazendo estampada no rosto a chama viva da alegria que a domina, e toma, com grande prazer para ambas as partes sacrificadas, o "instrumento" das mãos do "tocador", indo escondê-lo num quarto, para descanso.

Então, de todos os lados, os comentarios:

— Você viu que eu não cansava? Eu sou de fato!

— Teodoro, — o homem da harmônica, — já estava enfraquecendo, coitado!

Nesse ponto o preto se manifesta todo vaidoso, tocado no amor proprio, meio agastado:

— Queira perdoar, mas eu ainda tocava duas noites sem parar!

— Quem você?! Pois a música nem compasso tinha mais!

— Podia ser. Mas em compensação a senhora não dansava: andava os quatro cantos da sala como uma mosca tonta!

Risos! Chacotas!

Estão nessas conversações simples quando D. Mariquinhas entra, de volta:

— Para a mesa, para a mesa! Já está na hora!

Vão então, numa grande algazarra, brancos e pretos, abastados e pobres, moços e velhos, á sala de jantar, e ali comem e bebem, fazendo brindes ao dono da casa, á sua senhora e louvores a S. João, estalando sortes, onde os versinhos revelam disparatadamente "um casamento rico e proximo" a uma velha córóca, "um passeio de nupcias", ao dono da casa cheio de filhos como uma jaboticabeira, ou "sua mulher lhe engana" a um rapazola imberbe e pudico que nem sequer ainda namorou!

E as risadas ressoam, os ditos se chocam, as alegrias se confundem.

— Ainda não chegaram os cantadores! Como tardam! — diz numa voz fanhosa o administrador da Fazenda, já meio "queimado" pelo licor capitoso.

Daí a pouco ouve-se uma viola gemendo lá em baixo na estrada, aumentando cada vez mais os sons que se aproximam.

— São êles!

Numa debandada voltam todos á fogueira.

Logo que o grupo se destaca na escuridão, avermelhado pelo reflexo do fogo, atam no "ramo" um buscapé e lhe põem fogo. Êle começa a rabiar limalhas azues por todos os lados. Dois foguetões cortam os espaços despejando nos ares transparentes lagrimas multicores.

Na frente, com ares de grande senhor vem o homem da "gemedeira", — a viola, — de parelha com o seu antagonista de canto. E mal chegam largam os versos em saudação á "senhora dona da casa", e ao "senhor capitão", — o Fazendeiro, seu patrão e amigo, — que, sorrindo os recebe com prazer, sem fingimento, nem disfarçada alegria.

Então o Leoncio com o um chapéu de palha de de ouricurí novo ornado com uma fita verde, onde á semelhança de pluma se ergue uma pena de perdiz, atestado da sua habilidade de caçador, todo reverente, todo mesuras, ferindo a "prima" da viola, vai-se saindo com esta:

"Lá no céu todo estrelado
Está dormindo S. João:
Não ha geito de acordá-lo
Nem com rifle ou mosquetão.

Nós viemos lá de longe
A' casa do Capitão,
Saudar a sua familia,
Na noite de S. João".

E os vivas reboam, as garrafas de licor correm de mão em mão, cada qual mais contente, mais cheio de espiritualidade, noite a dentro, sem sono, nem cansaço.

Quando as galinhas se fartam de dormir e descem cocorando das varas do poleiro, ainda encontram, com grande surpresa para os seus olhos redondos habituados á serenidade das madrugadas dos campos, aquela gente toda em volta de uma acha de lenha em brasa roubada á fogueira, uma vela acesa entre as mãos, tornando-se compadres pelos poderes de "S. João, S. Pedro e todos os Santos da côrte celeste".

E assim se passa a noite de S. João na minha terra...

Que saudade!...